



VISÕES DO DESENVOLVIMENTO

NOVEMBRO • 2025 • NÚMERO 03

Construindo pontes sobre o Atlântico: UE e ALC buscam dar um giro estratégico em suas relações

**“Mais coesão,
Mais prosperidade
compartilhada”:**

Nadia Calviño, presidente
do Banco Europeu de
Investimento



BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DA AMÉRICA LATINA
E CARIBE



**América
Latina e
Caribe**

Cada caminho
uma oportunidade

**A COP30
na Amazônia:**
seu presidente, André
Corrêa do Lago, fala
sobre o papel da
região na cúpula



BANCO DE DESENVOLVIMENTO
**DA AMÉRICA LATINA
E CARIBE**

Após um processo criativo que começou com 500 propostas, esta imagem foi escolhida como a
Marca Regional da América Latina e Caribe



América Latina e Caribe

Cada caminho
uma oportunidade

“Isso não é apenas uma marca, é uma declaração de identidade.
A América Latina e Caribe não são apenas uma região;
são o reservatório planetário de sustentabilidade e emoção.”

Gustavo Santos, diretor da ONU Turismo para as Américas, jurado.

INICIATIVA DO
CAF – BANCO DE
DESENVOLVIMENTO
DA AMÉRICA LATINA
E CARIBE



Criadores:
Ana Belén Arregui
(Equador),
Alejandro Muñoz
Bottas (Equador)
e Jean Nicolas
Guerreiro (Brasil)





É uma publicação do:

CAF – BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DA AMÉRICA LATINA E CARIBE.

[HTTPS://WWW.CAF.COM/](https://www.caf.com/)

Equipe CAF

Sergio Díaz-Granados
Presidente Executivo

Gianpiero Leoncini
Vice-Presidente Executivo

Christian Asinelli
**Vice-Presidente Corporativo de
Programação Estratégica**

Antonio H. Pinheiro Silveira
Vice-Presidente do Setor Privado

Gabriel Felpeto
Vice-Presidente de Finanças

Alejandra Claros
Secretária Geral

Andrés Zamora
Diretor de Comunicações Estratégicas

Robert Valls
Executivo Principal de Comunicação

© 2025 CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe–. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida total ou parcialmente sem a autorização prévia do CAF. Além disso, as opiniões expressas nos artigos e em outros materiais são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a política do CAF.



Esta publicação também está disponível em espanhol e inglês.

TERCEIRA EDIÇÃO ▶ NOVEMBRO DE 2025 ◀

Equipe editorial

Ricardo Ávila Pinto
Diretor

María Teresa Santos
Coordenadora Geral

Juan Carlos Bermúdez
Editor Geral

Colaboradores

Gabriel Felpeto
Julián Suárez
Yolanda Gómez
Ana Luz Castillo
Vanessa Castro
Michael Cruz
Mónica Vargas

Tradução Inglês e Português

Beatriz Torres Ibarra

Conceito Gráfico
Sandra Rojas

Design e Infografia
Sandra Rojas
Leonardo Parra
Katherine Orjuela

Ilustrações
Leonardo Parra

Correção de Estilo
Liliana Tafur

Fotografias
Arquivo CAF
Arquivo CEET
COP30
Arquivos particulares
IStock
Unsplash

► Um projeto desenvolvido pelo CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe– e pela Casa Editorial EL TIEMPO em parceria com a Agência de Contenido Especial (ACE).

► Impresso por Multi Impresos SAS

► Impresso na Colômbia, Printed in Colombia

Conteúdo

EDITORIAL

6

Em defesa do diálogo

O exercício de dialogar e ouvir outras opiniões é sempre construtivo e nos permite sonhar com um futuro melhor, mesmo em meio às dificuldades atuais: Sergio Díaz-Granados.

EM BREVE

7

O CAF, mais forte no Caribe

Granada torna-se o sexto país da Caricom a entrar como sócio do banco. Barbados sobe a sócio Série A e o CAF abrirá escritório em Bridgetown.

CAPA

9

Construindo pontes sobre o Atlântico

No complexo contexto global de hoje, a União Europeia e a América Latina e Caribe buscam repensar estrategicamente suas relações para ampliar o intercâmbio comercial e os investimentos e defender visões comuns.

16

"Com mais coesão, haverá mais prosperidade compartilhada"

A presidenta do Banco Europeu de Investimento, Nadia Calviño, destaca a importância de construir uma "aliança estratégica" da UE com a ALC.

20

"Europa entendeu que precisa falar com outras regiões e de maneira diferente"

A visão compartilhada sobre a democracia e o desenvolvimento sustentável pode dar base à "relação especial" UE-ALC: diretora da Fundação Carolina.



19

ECONOMIA VERDE

22

A primeira COP amazônica: hora de falar em transição justa?

Em Belém, o Sul global será protagonista de uma cúpula que debaterá os novos compromissos para mitigar a mudança do clima, mas também o financiamento para a adaptação e a transição a energias mais limpas.

28

América Latina e o Caribe redefine seu modelo agropecuário

A região, que alimenta 1,3 bilhão de pessoas, enfrenta o desafio de construir um modelo ecossistêmico que combine alta produtividade com regeneração de seu capital natural e prosperidade para sua população rural.

PONTO DE VISTA

32

CAF: uma trajetória de sucesso como emissor de títulos nos mercados de capitais

"A evolução financeira do banco reflete uma instituição que ampliou

seu alcance, consolidou sua reputação e alinhou seus instrumentos às prioridades do desenvolvimento sustentável na região": Gabriel Felpeto.

34

500 anos de aprendizados para o futuro das cidades ibero-americanas

"A história é uma fonte de inspiração e resiliência que nos permite acompanhar projetos para impulsionar cidades mais equitativas e sustentáveis": Julián Suárez.

DESENVOLVIMENTO URBANO

35

Aliança pelas cidades quinhentenárias

A celebração dos 500 anos de Santa Marta serviu de marco para a assinatura de um compromisso com a iniciativa "Ibero-América 500+: Cidades com um legado para o futuro", a fim de projetar um novo nível de desenvolvimento para elas.

ASSUNTOS REGIONAIS

38

Uma locomotiva para o desenvolvimento com descarbonização



Um estudo impulsionado pelo CAF encontrou na região 155 projetos ferroviários cujo desenvolvimento demandaria quase US\$400 bilhões.

42 Qual é a fórmula para impulsionar o comércio da região?

Tornar mais eficiente a colocação dos produtos da ALC em outros mercados segue sendo objetivo fundamental para consolidar a competitividade e aproveitar um comércio mais livre.

FINANÇAS

44 Economia azul sustentável: um compromisso com a saúde e a riqueza dos oceanos

O futuro da região está ligado à sorte de seus mares, que cobrem metade de sua geografia. O CAF planeja investir neles US\$2,5 bilhões até 2030.

48 Primeiro Bono Sustentável do CAF tem colocação amplamente bem-sucedida

Os investidores internacionais demonstraram grande confiança no banco ao demandar 15 vezes o montante inicial. São €1,5 bilhão para acelerar a transição verde e o desenvolvimento social.

50 Banco Futuro LAC busca mobilizar US\$5 bilhões para a infância

CAF e Unicef unem-se para levar adiante projetos que gerem impacto real e sustentável na vida de milhões de crianças e jovens.

LIDERANÇA

52 O menino que criou um banco para ajudar outras crianças

Tinha apenas 7 anos quando José Quisocala idealizou um veículo para convidar outras crianças a poupar e reciclar em sua natal Arequipa (Peru). A iniciativa ganhou o Prêmio Enrique García de Liderança.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL

56 Com as mulheres, em busca de igualdade e autonomia

A violência de gênero e a gravidez na adolescência drenam até 6,5% do PIB em alguns países da ALC e condenam milhões ao ciclo da pobreza. É preciso investir na autonomia econômica, física e política das mulheres.

CULTURA

60 Macondo tem crianças que lhe escrevam

O concurso do CAF e da Fundação Gabo, que aborda por meio de relatos a realidade das crianças da Ibero-América e do Caribe, reuniu em antologias ilustradas os 40 trabalhos vencedores nas duas primeiras edições e abriu a terceira.



LIVROS

62 Publicações com o selo do CAF

Um relatório sobre as passagens fronteiriças terrestres como espaços de integração regional e desenvolvimento encabeça as resenhas.

ENTREVISTA

64 "A região, uma coleção de soluções climáticas que precisam ser aproveitadas"

André Corrêa do Lago, presidente da COP30 amazônica no Brasil, fala sobre as expectativas diante desta cúpula global, onde serão debatidos os resultados do Acordo de Paris, que completa 10 anos.

REGIÃO VERDE

70 Os páramos, 'fábricas' de água

Desses ecossistemas depende o abastecimento desse recurso chave para mais de 85 milhões de pessoas na região. Prioridade de conservação.

Em defesa do diálogo

EDITORIAL

Sergio Díaz-Granados

**Presidente Executivo do CAF
–banco de desenvolvimento
da América Latina e Caribe–**



A discussão sobre a utilidade das cúpulas de alto nível não é nova, mas ganhou volume à medida que a frequência desse tipo de encontro acabou se tornando maior. Em um planeta no qual a globalização é uma realidade, os países olham ao redor e entendem que há múltiplos assuntos que precisam ser considerados para além do âmbito bilateral, a fim de que os Estados assumam compromissos.

Para muitos, a lembrança que fica na memória é a dos líderes governamentais em torno de uma mesa de reuniões ou na foto oficial do encontro da vez. Pouco se conhece, porém, dos meses de preparação que há por trás de cada evento e do trabalho que implica encontrar pontos

de convergência a partir de posturas individuais.

Em algumas ocasiões é possível chegar a consensos que trazem determinações concretas, mas em outras as diferenças tornam-se intransponíveis e os resultados não atendem às expectativas. Ao longo da minha carreira, fui testemunha de êxitos e de fracassos, ocasionados por posições irreconciliáveis.

Ainda assim, mesmo nesses momentos difíceis, tenho valorizado a importância de algo inerente ao próprio conceito de humanidade: a capacidade de dialogar e ouvir outras opiniões. Esse exercício é sempre construtivo e nos permite sonhar com um futuro melhor, mesmo em meio às dificuldades atuais.

Faço essa reflexão por conta de dois marcos-chave, objeto de cobertura nesta edição de Visões do Desenvolvimento: a COP30 de Belém do Pará e a Cúpula da União Europeia com as nações que integram a Celac, em Santa Marta. Ambos ocorrem em um momento crucial, justamente quando, no mundo, sopram com mais força os ventos do unilateralismo e as tensões geopolíticas estão na ordem do dia.

Em relação ao primeiro, é clara a ameaça que a mudança climática representa para centenas de milhões de pessoas. Após o entusiasmo que se seguiu ao Acordo de Paris, há uma mistura de desalento e de preocupações em alta, não sem razão. Mesmo assim, a ascensão das energias renováveis é uma realidade que acende uma luz de esperança para o futuro.

Quanto ao segundo, surge a promessa de que, agora sim, a Europa

e a América Latina possam aproximar-se muito mais, independentemente da distância geográfica que as separa. São conhecidos os laços entre o Velho Continente e o Novo, mas hoje existe maior consciência de que não basta compartilhar princípios e valores: chegou a hora de aproveitar condições objetivas favoráveis para beneficiar-se mutuamente.

E esse anseio envolve mobilizar recursos que sirvam para fechar brechas, incrementar o intercâmbio de bens e serviços e promover o desenvolvimento sustentável. Um dos pilares dessa estratégia tem a ver com o impulso aos fluxos de investimento, por meio de mecanismos inovadores como o Global Gateway, que merece um exame sincero para que seu potencial se traduza em avanços concretos e tangíveis.

Desde o CAF, propusemos ações como a acumulação dos acordos comerciais vigentes, o uso de instrumentos financeiros inovadores para governos subnacionais, a melhoria dos marcos regulatórios em capítulos como o da mineração, o impulso a data centers verdes, a abertura a novas fontes de energia e a conversão da luta contra a mudança climática em motor de desenvolvimento sustentável. Essas ideias são apenas uma contribuição a uma conversa tão cheia de desafios quanto de promessas, que seguramente perdurará no tempo.

Porque sempre haverá pontos pendentes, que serão resolvidos na medida em que a comunicação flua. É por isso que as cúpulas têm validade e pertinência: para chegar a acordos, o primeiro requisito é sentar-se para conversar. ✚

EM BREVE

Noticias

O CAF, CADA VEZ MAIS PRESENTE NO CARIBE

Após concluir o processo para alcançar o status de país acionista do CAF, Granada tornou-se o sexto país da Caricom a se unir ao banco de desenvolvimento, que agora conta com 24 membros e está muito próximo de se tornar o de maior cobertura na região. Como acionista da Série C, Granada terá acesso a um financiamento ágil, flexível e inovador, projetado para responder às suas prioridades de desenvolvimento sustentável. Além disso, Barbados passará a ser o segundo sócio da Série A do CAF no Caribe, e o banco abrirá um escritório em Bridgetown para atender não apenas a Barbados, mas também a outros países do Caribe Oriental. O primeiro membro da comunidade caribenha a conquistar ambas as condições foi Trinidad e Tobago. → Foto - ISTOCK



Emissão no mercado Samurai

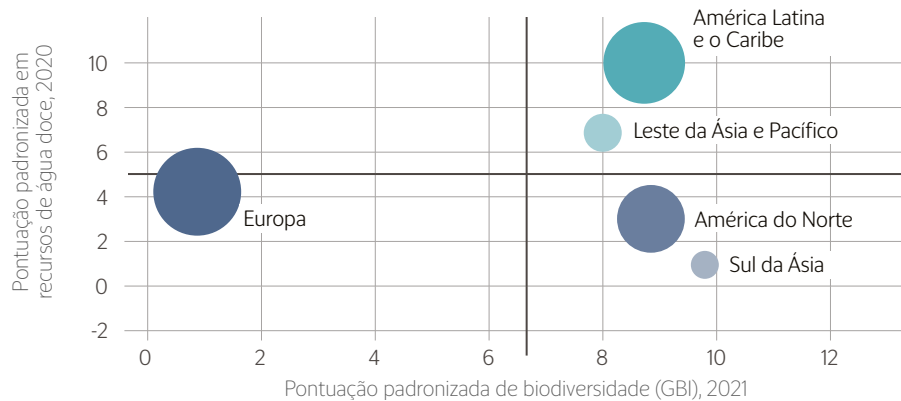
Após dois anos, o CAF retornou ao mercado Samurai com a emissão de um título de ¥20,9 bilhões (aproximadamente US\$141,4 milhões). O banco colocador da operação foi o Nomura, que estruturou a emissão em dois tranches: um de 3,5 anos por ¥10,7 bilhões

com cupom fixo de 1,37%; e outro de 5,5 anos por ¥10,2 bilhões com cupom variável vinculado à TONA Shift Compound + 0,47%. Com essa operação, o CAF fortaleceu sua estratégia de diversificação de fontes de financiamento em mercados-chave como o asiático.



Capital natural: principais regiões do mundo

Fonte: elaboração Centro de Pensamento - Universidade EIA (2024). Elaborado a partir de dados de Our World in Data.



Observação: O tamanho da bolha representa a pontuação padronizada de 1 a 10 da área coberta por floresta em 2020

Este gráfico apresenta a vantagem competitiva da América Latina e do Caribe em termos de recursos naturais. A região possui 32% dos recursos hídricos do planeta e mais de 40% da biodiversidade total. No entanto, enfrenta ameaças como o desmatamento, a degradação do solo e a vulnerabilidade às mudanças climáticas. O gráfico faz parte do relatório regional “Políticas, estratégias e programas de transformação produtiva sustentável na América Latina e no Caribe”, elaborado pelo CAF em parceria com a Universidade EIA (Colômbia)

Pela inclusão financeira

Com o objetivo de promover a inclusão financeira e acelerar a digitalização de milhares de pequenos comércios de bairro, o CAF e as cervejarias Bavaria (Colômbia), Cerveceria Nacional (Equador) e Backus (Peru) anunciaram uma aliança que, em sua primeira etapa, prevê a realização de um diagnóstico integral para compreender em profundidade as características, os desafios e as oportunidades desses negócios locais em termos de capacidades financeiras, uso de ferramentas digitais e acesso a serviços financeiros formais. A partir dos resultados, serão desenhadas soluções específicas para melhorar a renda, aumentar a produtividade e reduzir brechas socioeconômicas estruturais. Isso incluirá educação financeira, integração à economia digital e financeira, e articulação com instituições públicas, privadas e fintechs para facilitar o acesso a crédito, planos de poupança, investimento e proteção na aposentadoria.

Sergio Rincón, presidente da cervejaria Bavaria, e Sergio Díaz-Granados, presidente executivo do CAF, durante a assinatura da aliança em prol dos comércios de bairro. → Foto - CAF



José 'Pepe' Mujica, ex-presidente do Uruguai (falecido)

Sou do Sul e venho do Sul. Carrego inequivocamente os milhões de compatriotas pobres nas cidades, nos páramos, nas selvas, nas pampas, nos socavões da América Latina, pátria comum, que está em construção.”

Frase gravada em uma placa recentemente inaugurada na sede do CAF no Uruguai.

419

MILHÕES DE DÓLARES

é o valor da conversão cambial sobre um empréstimo realizado pelo Ministério da Fazenda da Costa Rica em colaboração com o CAF. Trata-se da maior conversão individual da história do CAF e “reforça o compromisso do banco com a busca por soluções financeiras inovadoras que fortaleçam a sustentabilidade fiscal dos países acionistas”, afirmou Gabriel Felpeto, vice-presidente de Finanças do CAF.



CAPA

Construindo pontes sobre o Atlântico

CAPA

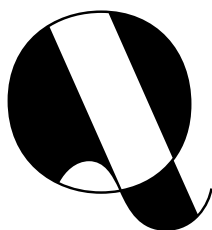
Por **Ricardo Ávila**

Diretor de *Visões do Desenvolvimento*

@AgendaCAF



A União Europeia e a América Latina e o Caribe, regiões com fortes laços históricos e culturais, buscam uma reconfiguração estratégica de suas relações para impulsionar o comércio, fomentar os investimentos e defender valores comuns. Uma análise por ocasião de um encontro histórico em Santa Marta.



ue a Europa e a América Latina e o Caribe compartilham um vínculo que jamais desaparecerá é uma daquelas verdades incontestáveis. Basta voltar à história aprendida na escola para concluir que o episódio iniciado com as três caravelas comandadas por Cristóvão Colombo aca-

bou sendo um dos acontecimentos que mudaram para sempre o curso da humanidade, transformando a vida e os costumes não apenas nos dois lados do Atlântico, mas também em todos os cantos do planeta.

Apesar de o Velho Continente ter deixado uma marca indelével deste lado do oceano, as relações nunca foram fáceis. Conquista, colonização, e guerras de independência deixaram feridas que ganhariam novos contornos nos primórdios da era republicana, quando a dominação passou a ser comercial e financeira.

O declínio dos impérios, as guerras entre potências, os conflitos regionais, o advento da Revolução Industrial, os ciclos de alta e queda das commodities, as migrações, marcaram épocas distintas e moldaram uma relação que oscilou ao longo do tempo. Como acontece em certas danças, nem sempre os integrantes desse casal simbólico conseguiram seguir o mesmo ritmo.

Somente em tempos relativamente recentes as desconfianças do passado começaram a dar lugar a uma atitude mais construtiva. Com o retorno progressivo da democracia nas Américas, nos anos 1980, iniciou-se uma comunicação mais fluida, apoiada em valores compartilhados, que incluiu a superação de boa parte dos ressentimentos históricos.

Ainda assim, sob a ótica econômica, as relações exteriores da América Latina foram dominadas pelos Estados Unidos ao longo do século XX. E, de forma gradual, nas últimas três décadas, a vez foi da China, como grande compradora de bens primários e matérias-primas, de alimentos a minerais.

Até pouco tempo atrás, parecia inevitável o declínio da presença europeia nos números relativos ao intercâmbio. Além de questões como a distância geográfica e a competitividade, os interesses das capitais de ambos os lados do Atlântico não pareciam convergir.

Contudo, uma série de eventos acabou por mudar esse cenário. Do



Imagem da cúpula UE-Celac realizada em Bruxelas (Bélgica), em julho de 2023. Ilan Goldfajn, Luiz Inácio Lula da Silva, Ursula von der Leyen, Pedro Sánchez e Sergio Díaz-Granados. → Foto - CAF

lado europeu, a invasão da Ucrânia pela Rússia, em fevereiro de 2022, pôs em xeque a segurança energética e o acesso a insumos essenciais. Em seguida, a reeleição de Donald Trump e suas críticas à aliança que nasceu no pós-Segunda Guerra Mundial, no hemisfério norte, deixaram claro em Bruxelas e em outras capitais que era preciso repensar a estratégia.

Por sua vez, os países latino-americanos e caribenhos passaram a ver com bons olhos a chance de ampliar mercados e acessar fontes adicionais de recursos para enfrentar gargalos estruturais, como o da infraestrutura. Embora inicialmente não houvesse tanta preocupação com os rumos da Casa Branca, hoje há mais incertezas quanto ao que pode acontecer em Washington.

Esses antecedentes formam o pano de fundo da Cúpula de Santa

Marta entre a União Europeia (UE) e a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac). Em tese, 60 países terão a oportunidade de reescrever o roteiro de suas relações, em direção a uma parceria mais estreita, com benefícios concretos e imediatos.

Mas essa possibilidade exige um exame honesto. Como afirma o presidente do Real Instituto Elcano, José Juan Ruiz, “assim como em outras áreas, as relações euro-latino-americanas estão moldadas por realidades, interesses e idealizações”.

Caminho viável

Não há dúvida de que a oportunidade existe. As nações que integram a União Europeia e a Celac abrigam mais de um bilhão de pessoas e possuem um Produto Interno Bruto (PIB) conjunto equivalente ao dos Estados Unidos.



Após a assinatura do acordo com o Mercosul e sua eventual ratificação, a rede de tratados comerciais entre as duas regiões cobrirá o equivalente a 97% do PIB da América Latina.



Como afirma o ex-ministro uruguaio Ernesto Talvi, trata-se de um grupo economicamente complementar: a região oferece exatamente o que a UE mais necessita, matérias-primas críticas, como lítio e cobre, além de abundantes fontes de energias renováveis essenciais para a transição verde e digital. A União Europeia, por sua vez, tem o capital, a tecnologia e o *know-how* para promover o desenvolvimento de cadeias de produção birregionais de alto valor agregado.

Além disso, é importante considerar os avanços já alcançados. Após a assinatura do acordo com o Mercosul e sua eventual ratificação, a rede de tratados comerciais cobrirá o equivalente a 97% do PIB da América Latina.

Vários países da América Latina e do Caribe possuem, em seu território, minerais importantes para a indústria europeia. ➔ Foto - IStock

Isso não significa ignorar os diversos obstáculos que exigem a harmonização do que foi acordado em áreas como as regras de origem. Daí a proposta de “acumulação diagonal flexível” como uma forma pragmática de superar essa limitação.

Claramente, o que até pouco tempo atrás parecia apenas uma opção interessante agora ganha um caráter de urgência. A mudança de rumo dos Estados Unidos, ao adotar sanções comerciais unilaterais que incluem restrições e tarifas mais altas, torna necessária a diversificação do risco de barreiras adicionais.

Embora o impacto desses acontecimentos sobre o crescimento mundial pareça, até o momento, gerenciável, como indicam as previsões do Fundo Monetário Internacional, há considerações geoestratégicas de longo prazo que não podem ser desprezadas. Sair da zona de conforto exige construir pontes em vários continentes, algo que se aplica tanto para os europeus quanto para os latino-americanos e caribenhos.

No entanto, os desafios são muitos. O primeiro é começar a recuperar o terreno perdido. Durante um

colóquio realizado em Madri no final de setembro, Lorena Ruano, professora da Universidade Complutense, mostrou como o peso do intercâmbio entre as duas regiões diminuiu significativamente nas últimas décadas, enquanto a China conquistou um espaço imenso. “Há uma marginalização evidente”, afirmou a acadêmica de origem mexicana.

A isso se soma a fragmentação dentro de cada bloco, aliada à presença de interesses individuais divergentes. Alcançar consensos no mais alto nível torna-se difícil para governos que adotam posições antagônicas sobre diferentes temas e têm visões ideológicas distintas.

Mas também há fatores favoráveis. Ainda que o fluxo de bens seja relativamente limitado, os fluxos de investimento são expressivos, com um acervo próximo de 700 bilhões de euros em diversos setores, dos extrativistas aos serviços, passando pelos serviços públicos.

Chama atenção também o fato de que empresas latino-americanas têm investido capitais relevantes na Europa, como é o caso das compa-



Um dos desafios da União Europeia com a ALC é dar mais conteúdo ao vínculo atual em novos setores. Um deles é o da tecnologia. → Foto - IStock



O QUE É O GLOBAL GATEWAY?

É uma iniciativa geopolítica que busca fortalecer alianças por meio da canalização e multiplicação de recursos, públicos e privados, da União Europeia voltados à cooperação para o desenvolvimento. A América Latina e o Caribe (ALC), por seus interesses comuns como a democracia e a sustentabilidade ambiental, é uma região prioritária para diversos projetos. Desde 2021, cerca de duzentos já foram gerados.

A UE e seus Estados-membros demonstram interesse em cooperar e investir em outras regiões, especialmente em áreas como infraestrutura, conectividade, transição verde, saúde, educação e pesquisa. Isso envolve a combinação de recursos do orçamento comunitário com fontes adicionais de financiamento público e privado.

O Global Gateway foi o marco, em junho passado, de um memorando de entendimento entre o Banco Europeu de Investimento, liderado por sua presidente Nadia Calviño, e o CAF -banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe-, representado por seu presidente, Sergio Díaz-Granados, para reforçar a colaboração institucional e mobilizar financiamento para projetos de alto impacto na ALC, tendo como elemento central o compromisso compartilhado com a ação climática e a sustentabilidade ambiental.

nhias mexicanas. A presença de milhares de empresas de todos os portes, com escritórios em ambos os lados do Atlântico, cria uma capilaridade que facilita a construção sobre essas bases.

Os fluxos de pessoas também desempenham um papel importante. Do ponto de vista do turismo, há um volume crescente de visitantes nos dois lados do Atlântico. Além disso, os números mostram que os migrantes latino-americanos estão cada vez mais presentes no Velho Continente, o que impulsiona o aumento de conexões aéreas e da demanda por produtos de ambas as regiões.

Aproveitar o potencial adicional existente seria benéfico para ambas as partes. Ernesto Talvi estima que “um espaço econômico plenamente integrado poderia aumentar em até 70% o comércio entre as duas regiões e em 40% o comércio intrarregional”. Ele acrescenta que “isso permitiria à União Europeia alcançar uma relevância comercial na região que, com exceção do México, seria comparável à dos Estados Unidos e da China”.

Haveria ainda um ganho intangível: o de fortalecer o sistema de re-

gras derivado do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT). Em tempos em que os compromissos escritos são cada vez mais ignorados por quem assinou os tratados que sustentam esse esquema multilateral, reafirmar que o acordado deve ser cumprido é uma mensagem importante em um mundo que precisa de mais certezas e menos zonas cinzentas.

70%

É QUANTO O COMÉRCIO ENTRE AS DUAS REGIÕES

PODERIA AUMENTAR CASO SE ESTABELEÇA UM ESPAÇO ECONÔMICO PLENAMENTE INTEGRADO, SEGUNDO O EX-MINISTRO URUGUAIO ERNESTO TALVI, PESQUISADOR SÊNIOR DO REAL INSTITUTO ELCANO.

Foto de família da terceira cúpula da União Europeia e Celac, realizada em Bruxelas (Bélgica). Ali, as altas autoridades de ambos os lados do Atlântico reiteraram o compromisso de defender valores compartilhados e ampliar o trabalho conjunto em diversas áreas. → Foto - CAF

Desafios no horizonte

Alcançar a meta é uma tarefa complexa, mas não há dúvida de que existe uma atitude positiva e explícita das partes. Basta observar o que aconteceu nos últimos dois anos, tanto em termos de cúpulas de alto nível quanto de fóruns e espaços de encontro, para concluir que há vontade de impulsionar a aliança estratégica entre a União Europeia e a América Latina e o Caribe.

Boa parte dessa aposta parte da iniciativa Global Gateway, “uma proposta que busca canalizar, multiplicar e tornar visíveis os recursos, públicos e privados, da União Europeia voltados para a cooperação ao desenvolvimento”, segundo explica um documento do Real Instituto Elcano. Entre as áreas de interesse estão infraestrutura, conectividade, transição verde, saúde, educação e pesquisa.

Ainda que se trate de uma arquitetura com alcance global, que difere radicalmente de outros modelos como o proposto pela China, a América Latina e o Caribe estão bem posicionados para fazer uso da ferramenta. Com uma dotação orçamentária inicial de €3,4 bilhões fornecidos pela União Europeia, a proposta é mobilizar até €45 bilhões com o apoio de diversas entidades multilaterais, da sociedade civil e do setor privado.

A grande questão agora é como fazer com que esse propósito geral se



traduza em múltiplos investimentos concretos no território. No início de outubro, uma reunião de alto nível em Bruxelas avaliou o que foi feito até agora e reafirmou os objetivos estabelecidos em 2021 de mobilizar mais de €400 bilhões até 2027 em todo o planeta.

Contudo, não faltam questionamentos sobre a operacionalização do instrumento. Além da complexidade de articular projetos de grande porte que podem envolver vários países, definir o papel de cada ator é um desafio. Diante do ceticismo de alguns, a única opção viável é apresentar resultados concretos e criar um círculo virtuoso de propostas que se transformem em realidade.

No campo comercial, também permanecem pontas soltas. Ainda

que o avanço nas negociações com o Mercosul em 2024, após 25 anos de tratativas, tenha sido importante e represente um sinal de compromisso com toda a América Latina, a ratificação do tratado ainda está pendente. Qualquer obstáculo relevante pode fazer com que o entusiasmo atual diminua e o diálogo perca fluidez.

Também não se pode ignorar os apelos por uma ampliação da agenda comum, o que significa agregar mais elos e, ao mesmo tempo, mais responsabilidades. Carlos Malamud, pesquisador do Real Instituto Elcano, propõe incluir temas como a crise migratória e o desafio do crime organizado. Sobre este último, ele afirma que “uma maior coordenação interestatal e inter-regional

€700

BILLION É O ESTOQUE DE INVESTIMENTO DA UNIÃO EUROPEIA NA AMÉRICA LATINA EM MÚLTIPLOS SETORES. ALÉM DISSO, É O TERCEIRO PARCEIRO COMERCIAL DA REGIÃO.



permitiria eliminar a ideia de que se trata de um combate circunscrito às fronteiras nacionais”.

O especialista também sustenta, em resumo, que há um triplo desafio. Esse desafio consiste em “aprofundar e dar mais conteúdo aos fundamentos que compõem o vínculo atual; ampliar as bases da aliança incluindo e priorizando novos temas de interesse comum, nos quais estão em jogo a governabilidade e a estabilidade dos países de ambos os lados do Atlântico; e, por fim, superar os obstáculos que impedem o avanço da parceria”.

Acreditar que esses desafios serão resolvidos em pouco tempo soa excessivamente otimista. Sem ignorar que os ventos sopram a favor de uma maior aproximação entre a União Europeia e a América Latina e o Caribe, uma dose de realismo é sempre bem-vinda, especialmente quando as expectativas crescem de maneira exagerada.

José Juan Ruiz, do Real Instituto Elcano, lembra que, nas complexas negociações entre as duas regiões, “as diferenças culturais, econômicas, políticas e a herança histórica criam um terreno fértil para o surgi-

mento de ilusões e mal-entendidos que, no limite, podem levar ao fracasso”. Por isso, talvez o mais sensato seja avançar passo a passo, em vez de esperar uma sucessão de grandes saltos.

Isso não significa ignorar os marcos importantes que mostram que a vontade de construir mais pontes está presente. Essa intenção não se baseia apenas em fatores como raízes compartilhadas, afinidade de princípios, espírito democrático ou atração mútua.

Ela também é impulsionada por uma racionalidade que indica que, no mundo de hoje, europeus, latino-americanos e caribenhos deveriam se aproximar mais, entre outras razões, para garantir a vigência de valores fundamentais que vêm sendo questionados por outros. Esses valores baseiam-se no diálogo, na cooperação, no respeito às diferenças e nos benefícios comuns, com o objetivo de reduzir desigualdades e promover o progresso sustentável dos povos.

A jornada está apenas começando, mas a recompensa justifica o esforço de percorrer o caminho que ainda resta. 🌱



Na iniciativa Global Gateway, a ALC conta com uma dotação inicial de € 3,4 bilhões fornecidos pela UE, mas a proposta é mobilizar até € 45 bilhões com o apoio de entidades multilaterais, sociedade civil e setor privado.

PORTADA

Por Equipe editorial VD

@AgendaCAF



‘Se conseguirmos mais coesão, haverá mais prosperidade compartilhada’



Nadia Calviño é a primeira mulher a comandar o Banco Europeu de Investimento, instituição-chave da UE.

→ Foto - www.eib.org

A presidente do Banco Europeu de Investimento, Nadia Calviño, destaca a importância de construir uma aliança estratégica entre a América Latina e o Caribe e a Europa, e o papel que a instituição que dirige pode desempenhar nesse processo.



pós 12 anos ocupando cargos na Comissão Europeia, a economista espanhola Nadia Calviño foi nomeada, em 2018,

Ministra da Economia e Empresa do governo do presidente Pedro Sánchez, no qual também exerceu a função de vice-presidente. Em 2024, deixou esse cargo para retornar ao cenário da União Europeia (UE) e tornar-se a primeira mulher a presidir o Banco Europeu de Investimento (BEI), instituição multilateral com 67 anos de história, que ela mesma descreve como “o braço investidor da UE e o maior banco multilateral do mundo”.

O BEI atua não apenas para promover o crescimento econômico e o emprego na Europa, mas também para fomentar as políticas da UE fora de suas fronteiras e apoiar medidas que mitiguem as mudanças climáticas. Essa missão, consagrada em seus estatutos, faz da instituição um ator de primeira linha na tarefa de estreitar as relações entre a UE e a América Latina e o Caribe (ALC).

A senhora Calviño compartilha aqui sua visão sobre a IV Cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) e da UE em Santa Marta (Colômbia) e, mais amplamente, sobre a importância da

aliança estratégica que ambas as regiões buscam consolidar.

A senhora tem sido uma grande defensora da relação entre a UE e a ALC. Por que essa aliança estratégica é tão importante no atual contexto mundial? Quais são suas expectativas para a IV Cúpula Celac-UE na Colômbia?

A cúpula que estamos celebrando em Santa Marta, na Colômbia, a quarta com chefes de Estado e de Governo das duas margens do Atlântico, demonstra a importância da aliança estratégica entre a Europa e a América Latina. No atual contexto internacional, é mais importante do que nunca reforçar nossa cooperação com aqueles que compartilham valores tão importantes como a paz, a segurança, os direitos humanos e a democracia. A agenda desta cúpula cobre temas-chave como comércio e investimentos, as transições ecológica e digital, o combate ao crime organizado, à corrupção, ao narcotráfico e ao tráfico de seres humanos. E gostaria de destacar também o intenso trabalho promovido pela Espanha durante a presidência do Conselho da UE em 2023, para concretizar essa associação estratégica em investimentos e projetos. Esse trabalho de união mais sólida entre as duas margens está dando frutos.

1.000

MILHÕES DE PESSOAS SOMAM AS POPULAÇÕES DA ALC E DA UE, 14% DO TOTAL MUNDIAL. JUNTAS REÚNEM 21% DO PIB DO PLANETA. SEUS PAÍSES REPRESENTAM UM TERÇO DOS MEMBROS DA ONU.

A assinatura do acordo UE-Mercosul é um grande passo para consolidar essa associação. Que caminho ainda falta percorrer?

O acordo com o Mercosul mostra a importância que a UE atribui aos acordos em que todas as partes saem ganhando. Esse é o mesmo princípio em que se baseia o trabalho do BEI, o braço investidor da UE. Para o BEI, as alianças internacionais são prioritárias. Estamos presentes no Caribe desde 1978 e na América Latina desde 1993. Durante esse período, investimos €17 bilhões em 350 projetos, e temos escritórios ativos e plenamente operacionais na Colômbia, no Brasil, na República Dominicana e em Barbados. Nossos investimentos em adaptação às mudanças climáticas, empreendedorismo feminino, redes de energia e telecomunicações, apoio a PMEs e microempresas ilustram bem essa prioridade. Seja através de microcréditos para mulheres no Brasil, da plataforma de hidrogênio verde no Chile ou da primeira linha de metrô de Quito (um projeto com participação do CAF), estamos comprometidos com o progresso da ALC. E, sem dúvida, encontros como este em Santa Marta ajudarão a avançar ainda mais.

O BEI é conhecido como o “Banco do Clima”. Neste momento, a União Europeia está em processo de simplificação de suas normas. Isso é compatível com a luta contra as mudanças climáticas?

Mais de 50% do total anual de investimentos do BEI é destinado às finanças verdes, com o objetivo de reforçar a competitividade da Europa por meio de preços de energia mais baixos, contribuir para a segurança e a autonomia estratégica, reduzindo a dependência de combustíveis fósseis, e consolidar a liderança tecnológica da Europa neste setor. O objetivo está claro. Avancamos muito nos últimos anos, e nosso roteiro para 2030 tem três prioridades bem definidas: concentrar os investimentos nos projetos



No âmbito de uma reunião do Conselho de Assuntos Económicos e Financeiros da UE (Ecofin) e de uma reunião do Conselho de Administração do CAF, ministros da economia e finanças europeus e da ALC tiveram um encontro histórico em Santiago de Compostela (Espanha) em setembro de 2023. → Foto - CAF

que mais contribuem para a competitividade e segurança; reforçar os investimentos em adaptação e prevenção (nossa meta é dobrar o financiamento nesta área entre 2026 e 2030, alcançando €30 bilhões); e simplificar radicalmente os procedimentos para reduzir a burocracia enfrentada pelas empresas.

Nesse sentido, o BEI pode desempenhar um papel importante na ALC. Em 2023, 70% dos nossos investimentos na região foram destinados à ação climática. Estamos falando de projetos no Brasil, na Colômbia, no Chile e nas ilhas do Caribe voltados para transporte sustentável, energia renovável, gestão da água, prevenção de catástrofes e segurança alimentar. E esperamos que, durante a cúpula de Santa Marta, também sejam firmados acordos

importantes nesse sentido, em áreas tão relevantes como saneamento de água e interconexões energéticas.

À luz das restrições adotadas pelos Estados Unidos, como estreitar os laços entre regiões que acreditam no regionalismo aberto?

O mundo está mudando rapidamente e, enquanto alguns erguem muros, a União Europeia quer continuar construindo pontes. E esse contexto, embora muito complexo, também está cheio de oportunidades para aqueles que, como o BEI, aspiram a defender a prosperidade compartilhada, as alianças e a paz. Por isso, faz todo o sentido continuar trabalhando para melhorar as relações entre a ALC e a UE. Juntos representamos mais de um bilhão de pessoas, 14% da população mundial, 21% do Produto Interno Bruto do planeta. Somos um terço dos membros das Nações Unidas. E temos uma das redes comerciais mais densas do mundo. Se conseguirmos estreitar ainda mais nossa amizade, baseada em valores importantes compartilhados, poderemos somar mais. E o BEI contribuirá de forma fundamental para que isso aconteça. Somos o braço investidor da UE, o maior banco mul-

tilateral do mundo e temos uma posição financeira única.

Há vários anos a arquitetura financeira internacional está em revisão. A IV Conferência de Financiamento para o Desenvolvimento realizada este ano em Sevilha, a Reunião de Ministros da Economia UE-Celac em Santiago de Compostela em 2023, a COP30, para citar alguns fóruns, buscam colocar na mesa compromissos e novos instrumentos financeiros que permitam aos países enfrentar os desafios do desenvolvimento sustentável. Você é otimista quanto à criação de uma rede global de segurança financeira em um contexto no qual a margem fiscal dos países em desenvolvimento está cada vez mais estreita?

O marco de financiamento para o desenvolvimento é um dos grandes temas que abordamos em cada reunião internacional. Na cúpula das Nações Unidas realizada na Espanha, surgiram contribuições muito importantes como o Compromisso de Sevilha. Trata-se de um plano ambicioso que busca aumentar o impulso ao investimento para fe-



Calviño destacou que o BEI já investiu cerca de €17.000 milhões na ALC.

→ Foto - CAF

char a lacuna de financiamento, estudar medidas para lidar com o peso insustentável da dívida e trabalhar por uma maior representação dos países em desenvolvimento nas decisões financeiras globais. Para isso, é muito importante a ação coordenada dos bancos multilaterais e, no caso do BEI, estamos convencidos de que deve ser assim.

O BEI e os bancos multilaterais de desenvolvimento desempenham um papel fundamental nesse cenário, com protagonismo igual ou até maior do que quando foram criadas as instituições de Bretton Woods, com novos atores regionais, principalmente na Ásia. Como o senhor acredita que é possível unir forças para aumentar o impacto e permitir que os países tenham acesso a melhores condições de financiamento?

Nós, e os demais bancos multilaterais, ocupamos um lugar-chave para garantir a estabilidade financeira global e também apoiar o progresso dos países de renda média e mais vulneráveis, por meio de financiamento mais barato e de longo prazo, bem como de uma resposta eficaz a emergências e choques, como ocorreu durante a pandemia. O BEI está estreitando relações com ban-

cos multilaterais da ALC, da África e da Ásia. Em Sevilha, no marco da conferência das Nações Unidas sobre financiamento para o desenvolvimento, assinamos um memorando de entendimento com o CAF para melhorar nossa colaboração e mobilizar financiamento para projetos de alto impacto na região. A relação entre as duas instituições deixou de ser pontual para ter uma visão estável e, sobretudo, estratégica.

Onde a senhora espera que esteja a relação entre as duas regiões até o final desta década?

Gostaria que, em uma década, aspirássemos à melhor relação possível, a seguir caminhando juntos para ir mais longe. Neste momento, a UE é o principal investidor na região e o



“A relação entre o BEI e o CAF deixou de ser pontual para adotar uma visão estável e, sobretudo, estratégica.”

maior contribuinte para a cooperação ao desenvolvimento em todo o mundo. Partimos de uma base sólida, mas devemos ter ambição e continuar fortalecendo nossas relações econômicas, comerciais, políticas e culturais. A agenda desta cúpula também nos indica o caminho para responder juntos aos desafios atuais, que também são uma oportunidade para reforçar nossos vínculos. O BEI pode desempenhar, sem dúvida, um papel muito importante nesse caminho, construindo sobre nosso sistema de alianças baseado no respeito mútuo e no qual todos saem ganhando.

Temas como desenvolvimento social, transição energética e novas tecnologias podem ser a base para estreitar essa relação? Quais outros temas-chave estão sendo considerados?

Acredito que esses temas, juntamente com os que já mencionamos, compõem uma agenda ambiciosa para os próximos anos. Mas acrescento um elemento a mais: precisamos trabalhar para reduzir a desigualdade em nossas sociedades. O que vemos é que o talento está igualmente distribuído, mas as oportunidades, não. Se conseguirmos mais coesão, haverá mais prosperidade compartilhada e as instituições também serão mais fortes. Trabalhar com a ideia de melhorar nossas sociedades, gerar projetos de alto impacto social, como faz o BEI, e incorporar isso à nossa agenda estratégica compartilhada é fundamental para elevar a qualidade de vida dos cidadãos e colher os frutos dessa aliança estratégica entre a ALC e a UE. 🌟



“Europa entendeu que precisa falar com outras regiões e de maneira diferente”

Érika Rodríguez, diretora da Fundação Carolina, afirma que a visão compartilhada sobre democracia e desenvolvimento sustentável pode orientar a “relação especial” que a União Europeia constrói com a América Latina e o Caribe.

Érika Rodríguez não é apenas a diretora da Fundação Carolina, uma das quatro entidades de cooperação externa vinculadas ao Estado espanhol, mas também a latino-americana de origem com o cargo mais alto dentro do governo do país ibérico. Doutora pela Universidade Autônoma de Madri, a bogotana de nascimento tem uma longa trajetória acadêmica desenvolvida em ambos os lados do Atlântico. A instituição que dirige é chave em áreas como a formação de jovens profissionais, a capacitação de funcionários em temas como valores democrá-



Érika Rodríguez afirma que aprofundar as relações entre as duas regiões não pode se reduzir a ver o que a Europa oferece. → Foto - Milton Díaz / CEET

ticos, a discussão de políticas públicas e a promoção do diálogo em torno de esforços conjuntos, que incluem os da União Europeia (UE) e da América Latina e do Caribe (ALC). *Visões do Desenvolvimento* a entrevistou sobre esse tema.

Como você analisa a relação entre essas duas regiões geográficas que são, ao mesmo tempo, próximas e distantes?

A relação UE–ALC é marcada pelo contexto internacional. Durante boa parte das últimas décadas, ela teve certa estabilidade em torno de cúpulas de chefes de Estado, programas de cooperação e assinatura de acordos multipartes, mas essa dinâmica foi alterada por várias realidades. De um lado, um certo desinteresse europeu porque suas prioridades estavam em outras partes, algo no qual influenciou o fato de a América Latina ser uma zona de paz. De outro, o fato de que a maioria das nações da ALC passou a integrar o grupo de renda média, o que não as tornava objeto dos programas de ajuda voltados a lugares com maiores carências. Isso não significa que para a Espanha o tema não seja prioritário, pelos vínculos históricos, econômicos e culturais, a começar pelo idioma.

O que mudou recentemente?

O mundo. Ele é muito diferente até mesmo do que era há dois anos, quando tivemos a cúpula anterior. A Europa viu uma mudança estrutural profunda em sua economia, sua segurança e vários paradigmas. Um dos fatos importantes é que a Espanha tem um papel muito mais relevante dentro da União Europeia, algo que se nota na Comissão Europeia e em suas instituições. Ao mesmo tempo, a Europa se deu conta de que precisa falar com outras regiões e que deve fazê-lo de uma forma diferente. Assim, a ALC volta a surgir dentro do interesse europeu por uma reconfiguração do poder, o que a leva a se posicionar buscando uma relação realmente especial com outras latitudes. Aqui sempre se falou de “relação especial” com a ALC, mas ninguém sabia exatamente em que consistia.

E agora sim?

Acredito que sim. Há dois elementos em comum que são chave e merecem liderar essa relação. O primeiro é a democracia, porque temos uma visão compartilhada sobre ela, e esse é um pilar fundamental. Para além de casos individuais, nas Américas e na Europa a democracia é o sistema de governo predominante, com todos os seus defeitos. O segundo ponto é que há uma reconfiguração das relações atlânticas que não se deve apenas à guinada dada pelos Estados Unidos, mas a uma visão comum sobre o desenvolvimento. Refiro-me, por exemplo, à mudança climática, à necessidade da transição energética e ao chamado à ação conjunta para enfrentar os desafios que ela traz. Não menos importante é a aproximação a um regionalismo aberto, que passa por não adotar barreiras comerciais de maneira unilateral. Há também consciência sobre a presença da China e os novos equilíbrios de poder. Tudo isso exige recolocar sobre a mesa o multilateralismo, o fortalecimento das instituições globais, a igualdade e a distribuição, entre outros temas.

O que fazer?

A União Europeia precisa ser mais proativa. Uma tentativa importante surgiu com o Global Gateway, iniciativa que faz sentido para retomar um espaço perdido e avançar mais em temas como o desenvolvimento de infraestrutura na América Latina.

Mas os resultados não foram os esperados...

Porque, além de ser uma iniciativa ainda em curso, trata-se de um sistema de alavancagem de recursos. Isso exige que os países sejam muito proativos, que haja projetos e que mais atores entrem em campo. Existem entidades como o CAF, que está totalmente empenhado em fazer isso funcionar, mas não é o que ocorre com as empresas ou com a sociedade civil. Aqui, o desafio é conseguir um arranjo que funcione e tenha características próprias, sem parecer outras opções. Se o

nosso objetivo é competir com a China, é impossível, entre outras coisas porque não temos a mesma capacidade de emprestar recursos nem a mesma tolerância ao risco.

Qual é a opção?

Fazer com que o investimento chegue e que haja muitos jogadores atuando no campo latino-americano. Mas esse investimento deve ser de qualidade, baseado em princípios e com uma perspectiva de futuro orientada a instalar capacidades e competências, tanto no econômico quanto no desenvolvimento humano. É urgente investir em formação para contar com jovens preparados, vinculados aos projetos de inovação, à transição digital, à transição energética. Nisso podemos assegurar uma evolução diferente. É aí que a UE e a ALC têm muito a conversar. Não se trata de sentar como regiões apenas para ver o que a Europa oferece, e sim de discutir quais desafios temos, porque há pontos em que estamos muito nivelados, como acontece com a inteligência artificial.

A América Latina também é diferente...

Sem dúvida. Existem autoritarismos, desafios democráticos mais intensos e maior divisão regional. Assim, a busca de consensos e de temas comuns torna-se muito mais difícil. No entanto, há laços sólidos que devemos aproveitar e programas que funcionam muito bem tanto no campo técnico quanto no subnacional.

Que temas novos aparecem no radar?

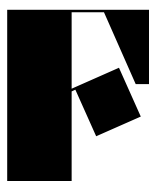
As ameaças à soberania territorial cresceram, e o que ocorreu na Ucrânia é um exemplo claro. É evidente que a situação geopolítica mundial se complicou. Por isso é fundamental fortalecer o multilateralismo e o uso do diálogo como mecanismo de solução de diferenças. Destaco desta cúpula o ânimo de conversar e identificar pontos de encontro, algo que diz respeito à Fundação Carolina. Afinal de contas, o que fazemos é construir pontes. 🌉



A primeira COP amazônica:

HORA DE FALAR EM TRANSIÇÃO JUSTA?

Em Belém, cidade brasileira no grande pulmão do planeta, o Sul Global fará ouvir sua voz em uma cúpula que debaterá os novos compromissos para mitigar a mudança climática, mas também o financiamento para adaptação e a transição para energias mais limpas.



altam apenas cinco anos para 2030, ano que trará uma chamada definitiva aos 194 signatários do Acordo de Paris (2016) para verificar se cumpriram seus compromissos de redução das emissões de gases de efeito estufa (GEE) e de descarbonização de suas economias, de modo que o aumento da temperatura do planeta tenha sido limitado ideal-

mente a 1,5°C em relação aos níveis pré-industriais. Tudo isso com o objetivo de conter os catastróficos fenômenos naturais já provocados pelo aquecimento global e os que ainda virão.

Até o momento, essa meta de mitigação da mudança climática está longe de ser alcançada. Segundo registros de organismos globais de monitoramento do aquecimento planetário, como a organização Climate Action, a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) e a Fundación Aquae, a tendência da temperatura planetária não é de queda, mas de alta, já ultrapassando os 1,2°C.

Se essa tendência continuar, alertam os especialistas, o aumento pode chegar a 2,7°C ou até 3,0°C até o final do século XXI, o que prenuncia mais desastres naturais e transformações radicais na vida como a conhecemos. O desenvolvimento de

cidades e centros urbanos adaptados para suportar sensações térmicas extremamente elevadas pode se tornar algo comum.

Com esse cenário indesejado em mente, a maioria dos representantes dos países comprometidos com a UNFCCC, nascida da Cúpula da Terra no Rio de Janeiro, em 1992, e com o Acordo de Paris, que completa uma década de existência, se reunirá para interagir na 30ª Conferência das Partes (COP30) sobre mudança climática. O evento acontecerá de 10 a 21 de novembro, pela primeira vez em uma cidade amazônica: Belém, no estado do Pará.

Parte da agenda será dedicada à avaliação das iniciativas implementadas pelos países participantes, e pelo conjunto da União Europeia, para contribuir efetivamente com a reversão da trajetória climática atual. Também se discutirá sobre as novas Contribuições Nacio-



nalmente Determinadas (NDCs, na sigla em inglês) de cada membro para o próximo quinquênio, que — em tese — devem ser mais ambiciosas.

Todos os países deveriam ter definido suas novas NDCs em janeiro passado, mas até poucas semanas atrás, menos de 20% haviam divulgado seus novos compromissos. Outros, como a União Europeia, ainda não haviam chegado a um consenso interno sobre o tema.

Os holofotes estarão, naturalmente, voltados aos compromissos dos países que mais contribuem com as emissões globais de GEE, segundo diversos rankings: China, Rússia, Estados Unidos, Índia, Indonésia, União Europeia, Japão, Irã, Paquistão e, no caso da América Latina e do Caribe, o Brasil.

O papel do anfitrião

Com foco em 2035, o gigante sul-americano já se comprometeu a reduzir entre 59% e 67% as emissões de GEE em seu território, que abriga a maior parte da área amazônica, considerada o grande pulmão do mundo e santuário da biodiversidade planetária. Sua degradação, naturalmente, preocupa a todos. O desmatamento, causado por atividades como a mineração ilegal, a exploração madeireira (frequentemente também ilegal) e a expansão descontrolada da pecuária e da agricultura, vem danificando severamente a floresta mais extensa e exuberante do planeta.

A Amazônia é um tesouro da biodiversidade. Abriga pelo menos 10% de toda a variedade de espécies do planeta.

→ Foto - Sebastien Goldberg/Unsplash.

O fato de a COP30 acontecer na Amazônia transformará o evento em uma plataforma em defesa dessa reserva planetária, e espera-se que o Brasil, com as prerrogativas de anfitrião, lidere o apelo dos países megadiversos, e do Sul Global em geral, por um maior fluxo de recursos provenientes do Norte para conservar esse tesouro natural e outros que também estão em risco.

Além disso, o Brasil impulsionará o debate sobre uma estratégia internacional coordenada de precificação do carbono, em resposta ao iminente Mecanismo de Ajuste de Carbono na Fronteira da União Europeia (CBAM). A proposta busca uma cooperação que evite efeitos punitivos sobre países em desenvolvimento, o que permitiria flexibilizar a avaliação das propostas e destinar uma parcela maior de recursos à mitigação climática. Outro objetivo do anfitrião, apoiado por vários países, será fomentar o direcionamento de fundos para financiar a conservação.

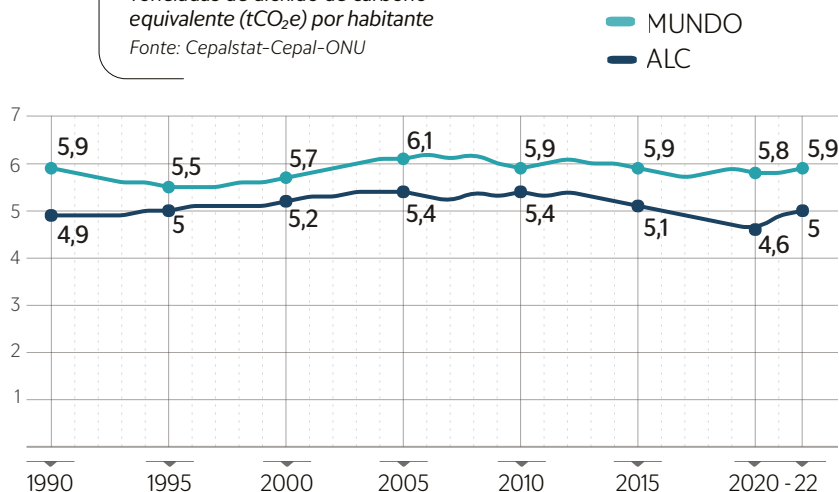
Como outro aspecto central de sua estratégia para a cúpula, o Brasil vem promovendo a plataforma Mutirão Global para convocar a mobilização transnacional de todos os atores possíveis, com o objetivo de cocriar e implementar planos e ações sob o rótulo de “aplicação e resultados imediatos”.

O Mutirão Global é um chamado à ação “não apenas para falar sobre mudança, mas para ser a mudança”, afirmou o presidente da COP, André Corrêa do Lago, durante o lançamento da

Emissões de gases de efeito estufa (GEE) por habitante

Toneladas de dióxido de carbono equivalente (tCO₂e) por habitante

Fonte: Cepalstat-Cepal-ONU



plataforma. “Sabemos que milhões de pessoas em todo o mundo já estão atuando para proteger suas comunidades, seus ecossistemas e seu futuro. O Mutirão Global oferece um espaço de convergência para que esses esforços se tornem visíveis, recebam apoio e se expandam”, explicou.

O lançamento da plataforma ocorre em um momento crucial. O primeiro Balanço Global (Global Stocktake, GST) dos resultados do Acordo de Paris (2023) revelou que é necessário ampliar significativamente as ações para alinhar-se às metas previstas. Nesse contexto, o

Mutirão Global surge como um mecanismo impulsionado pela cidadania para acelerar o enfrentamento da mudança climática.

A iniciativa está baseada nos seis eixos da Agenda de Ação da COP30 (ver gráfico), que incluem energia limpa, economia azul e cidades resilientes, entre outros, e oferece uma forma acessível para que cidadãos e organizações alinhem suas ações ao processo climático da ONU.

“A adaptação começa nas comunidades, com as pessoas que já estão sofrendo os impactos da mudança climática”, destacou Ana Toni, dire-

Os 30 objetivos-chave da COP30

1 Transição nos setores de energia, indústria e transporte

1. Triplicar as energias renováveis e dobrar a eficiência energética.
2. Acelerar tecnologias de emissões zero e baixas em setores de difícil descarbonização.
3. Garantir o acesso universal à energia.
4. Avançar para o abandono dos combustíveis fósseis de forma justa, ordenada e equitativa.

Nota: Esses objetivos foram definidos por países, empresas, governos subnacionais e sociedade civil, que inclui grupos étnicos, diversos, rurais, de mulheres, de crianças e jovens, migrantes, entre outros.

2 Gestão sustentável de florestas, oceanos e biodiversidade

5. Investimentos para deter e reverter o desmatamento e a degradação das florestas.
6. Esforços para conservar, proteger e restaurar a natureza e os ecossistemas com soluções para clima, biodiversidade e desertificação.
7. Preservação e restauração dos oceanos e dos ecossistemas costeiros.

3 Transformação da agricultura e dos sistemas alimentares

8. Recuperação de terras degradadas e agricultura sustentável.
9. Sistemas alimentares mais resilientes, adaptados e sustentáveis.
10. Acesso equitativo a alimentação adequada e nutrição para todos.



O CAF busca formar uma rede verde regional para proteger 14 ecossistemas. Imagem da Amazônia em Rondônia, Brasil. → Foto - Higor Pretes / Unsplash.

tora executiva da COP30. O Mutirão Global é essencial, segundo ela, porque reconhece que, quando as ações locais contam com apoio, visibilidade e conexão, geram um efeito cascata que influencia sistemas, políticas e resultados. “A COP30 é uma oportunidade para catalisar uma nova era de ação climática, inclusiva, prática e enraizada na vida real”, acrescentou.

Além do Mutirão Global, o Brasil, em conjunto com a ONU, tem promovido o Balanço Ético Global (BEG), uma iniciativa voltada à integração da ética nas discussões sobre

mudança climática. A presidência da cúpula considera essa proposta um de seus pilares e tem ressaltado que a governança ética é crucial para o êxito da conferência em temas como o financiamento climático, a transição energética justa e a inclusão de vozes indígenas no debate.

Essas iniciativas evidenciam o peso que os países em desenvolvimento terão na COP30. “O fato de

que a cúpula será realizada em um país como o Brasil, do Sul Global, e que de certa forma seja uma continuidade da cúpula de Cali, embora esta tenha sido sobre biodiversidade, define um tom importante, especialmente em um momento em que o tema da mudança climática está sob escrutínio e, em alguns casos, até mesmo sendo alvo de negacionismo”, destacou Alicia Montalvo, gerente de Ação Climática e Biodiversidade Positiva do CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe.

Por parte do bloco de países da ALC, será promovida a busca de um compromisso firme tanto com o multilateralismo quanto com o regime de Paris como única via legítima e eficaz para enfrentar os desafios globais da mudança climática. Muito possivelmente, o momento que marcará esse tom especial será a reunião dos chefes de Estado, que desta vez não acontecerá durante o período oficial de negociações, mas sim antes, nos dias 6 e 7 de novembro, datas que provavelmente concentrarão o maior interesse da mídia.

No entanto, o que ocorrer depois, no momento reservado aos negociadores, não será menos relevante. Espera-se que haja avanços significativos, não tanto no tema da mitigação, que costuma predominar, mas sim na área de adaptação, que ao longo

4 Construção de resiliência em cidades, infraestrutura e água

- 11. Governança multinível
- 12. Construções e edificações sustentáveis e resilientes.
- 13. Desenvolvimento urbano, mobilidade e infraestrutura resilientes
- 14. Gestão da água.
- 15. Gestão de resíduos sólidos.

5 Promoção do desenvolvimento humano e social

- 16. Promoção de serviços de saúde resilientes.
- 17. Redução dos impactos da mudança climática na erradicação da fome e da pobreza.
- 18. Educação, capacitação e geração de emprego para enfrentar a mudança climática.
- 19. Cultura, patrimônio cultural e ação climática.

TRANSVERSAIS: Catalisadores e aceleradores, incluindo financiamento, tecnologia e capacitação

- 20. Finanças climáticas e sustentáveis, com integração sistêmica do clima em investimentos e seguros.
- 21. Financiamento para adaptação.
- 22. Compras públicas com integração climática.
- 23. Harmonização dos mercados de carbono e dos padrões de contabilidade de carbono.
- 24. Clima e comércio.
- 25. Redução de gases não- CO_2 .
- 26. Governança, capacidade estatal e fortalecimento institucional para a ação climática, planejamento e preparação.
- 27. Inteligência artificial, infraestrutura pública digital e tecnologias digitais.
- 28. Inovação, empreendedorismo climático e micro e pequenas empresas.
- 29. Bioeconomia e biotecnologia.
- 30. Integridade da informação em assuntos climáticos.

dos 30 anos dessas conferências não teve o mesmo protagonismo. Adaptação refere-se aos ajustes nos sistemas ecológicos, sociais e econômicos necessários para enfrentar os impactos da mudança climática.

Nesse sentido, os países latino-americanos e caribenhos, assim como os africanos e muitos asiáticos, farão valer sua voz na busca pelo estabelecimento de indicadores de adaptação, o que representaria um avanço importante. Um dos pontos centrais de divergência será se entre esses indicadores será incluído também algum relacionado ao financiamento, ou à falta dele, aspecto que invariavelmente está presente na agenda.

Outro tema-chave que não ficará de fora, sobretudo para muitos países do Sul Global, é a busca por uma transição energética justa. Essa transição implica não apenas o compromisso com a redução das emissões derivadas de combustíveis fósseis, a multiplicação da capacidade das energias renováveis, o acesso a tecnologias e o avanço significativo em eficiência energética até 2030, mas também a viabilização de mecanismos de financiamento para os países que necessitam de apoio para efetivar a mudança e mitigar os impactos econômicos e sociais dela decorrentes.

Em quantos desses temas haverá avanços concretos em Belém? É difícil prever. O atual contexto geopolítico pode levar muitos países a evitar compromissos ambiciosos em diversas áreas, o que poderia limitar o alcance dos acordos. Ainda assim, há expectativa de progresso.

Espera-se que os povos indígenas, especialmente os da Amazônia, tenham um papel de destaque na cúpula, como guardiões do planeta.

→ Foto - Rafa Neddermeyer / COP30



SOLUÇÕES PARA O CLIMA E PARA AS PESSOAS

Cumprindo seu compromisso de ser o banco verde que apoia o desenvolvimento sustentável e a proteção da biodiversidade da região, o CAF – banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe – terá um papel muito ativo na COP30 amazônica sobre mudança climática.

A instituição apresentará no evento as ações que vem desenvolvendo nesse campo, central em suas políticas, e os resultados obtidos. Um deles, muito importante, é já ter superado as metas estabelecidas para 2026 como banco verde da ALC. “Atualmente, mais de 40% de nossas aprovações estão destinadas a projetos dessa natureza, o que representa um aumento considerável em rela-

ção aos 24% registrados em 2020. Esse avanço está alinhado ao objetivo institucional de mobilizar US\$25 bilhões em financiamento verde até 2026”, explicou Alicia Montalvo, gerente de Ação Climática e Biodiversidade Positiva do CAF.

Outra das iniciativas centrais da instituição na área de proteção à biodiversidade é a formação de uma rede verde regional para proteger e restaurar 14 ecossistemas estratégicos na ALC. “Com essa rede, buscamos impulsionar um desenvolvimento sustentável e inclusivo, priorizando projetos de conservação e de combate à mudança climática”, explicou a executiva do CAF.

O banco contará em Belém com um pavilhão para apresentar a ALC como uma região de soluções e para facilitar, de um lado, a realização de





A cidade de Belém é cercada por rios. Tem 1,3 milhão de habitantes e uma história colonial ligada à exploração da borracha.

→ Foto - COP30

eventos dos países e, de outro, a promoção de debates que, muitas vezes, não são possíveis no contexto das negociações formais por conta de sua estrutura rígida. Assim, será possível abordar temas transversais como os relacionados à energia, mobilidade ou agricultura.

O pavilhão terá ligação direta com o tema amazônico, ao qual estão vinculados diretamente diversos países membros do banco, e que interessa a todos por seu compromisso com a proteção da biodiversidade. No entanto, Montalvo explicou que o CAF, nesta COP, também pretende colocar em pauta “a necessidade de vincular mais as soluções para a mudança climática com soluções para os problemas das pessoas”. Ou seja, entre outras: energia mais limpa e acessível, transporte menos poluente, agricultura regenerativa e infraestrutura resiliente.

O CAF também está presente em Belém com sua contribuição decisiva para o planejamento e a concretização do Museu das Amazônia, um complexo de 3.000 m² que se estabelece como um espaço onde a Amazônia reafirma seu papel como protagonista do futuro global. Será uma conexão duradoura de informações e saberes entre o Brasil e os demais países amazônicos. Uma exposição póstuma do renomado fotógrafo Sebastião Salgado, também apoiada pelo CAF, foi montada no local para a inauguração.

VIVER A REALIDADE DA AMAZÔNIA

O Brasil tem uma trajetória notável de liderança em questões ambientais. A Cúpula da Terra, realizada no Rio de Janeiro em 1992, deu origem à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima e conferiu uma nova dimensão ao debate global sobre o tema.

Dessa convenção derivaram-se as COPs, cuja 30ª edição, dedicada à mudança climática, será realizada não mais, como em 1992, no Rio de Janeiro, uma megacidade habituada e preparada para receber milhões de visitantes todos os anos, mas sim no coração da Amazônia. Especificamente em Belém, capital do estado do Pará, onde vivem 1,3 milhão de pessoas.

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva escolheu esta cidade como sede por ser “a porta de entrada da Amazônia”. O mandatário declarou recentemente que deseja que os participantes possam ver de fato o que é essa região. Seu governo quer destacar a importância desse ecossistema vital para o mundo e conectar os compromissos globais às realidades locais.

Belém é cercada por rios e conta com 42 ilhas fluviais. Seu clima é de floresta tropical, com temperaturas que variam entre 24°C e 32°C. Possui uma biodiversidade exuberante, uma cultura rica e marcas his-

tóricas importantes da colonização portuguesa, especialmente ligadas ao financiamento, armazenamento e exportação da borracha.

A economia de Belém é bastante ativa por ser um ponto logístico estratégico, mas não se trata de uma cidade com infraestrutura turística extensa. Possui poucos hotéis e, com dificuldade, deverá hospedar os 50.000 visitantes esperados. Houve protestos de vários países pelos preços elevados das acomodações. No entanto, a organização do evento e o governo anfitrião tomaram medidas para que isso não afetasse a cúpula, com foco especial em favorecer as delegações dos países com menos recursos. A logística emergencial inclui o uso de navios de cruzeiro ancorados a cerca de 20 quilômetros do centro de eventos como alojamento.

O governo brasileiro investiu mais de US\$250 milhões em diferentes obras, não apenas para preparar Belém para a ocasião, mas também para melhorar a qualidade de vida de seus habitantes.

Como resultado do debate logístico, a cúpula de chefes de Estado da COP30, que marcará o tom da conferência, foi antecipada para os dias 6 e 7 de novembro. Assim, espera-se que as negociações ocorram com mais comodidade na cidade entre os dias 10 e 21, conforme previsto. 🌿



América Latina e o Caribe redefinem seu modelo agropecuário



O CAF pretende consolidar-se até 2035 como o principal motor financeiro regional para a prosperidade agropecuária na ALC.

→ Fotos- Mauricio Moreno / CEET

A região, um celeiro global que alimenta 1,3 bilhão de pessoas, enfrenta o desafio de substituir a agricultura extensiva por um modelo ecossistêmico que combine alta produtividade com a regeneração de seu capital natural e a prosperidade de 150 milhões de pessoas em áreas rurais.

O CAF está promovendo linhas de crédito programáticas para o setor agropecuário.

→ Foto - Jaiver Nieto /CEET.

O setor agropecuário e pesqueiro tem sido historicamente um dos pilares da economia da América Latina e do Caribe (ALC). A região é líder na exportação de alimentos graças à sua natureza diversificada. Cerca de 15% dos alimentos consumidos no mundo vêm de lá. O que se produz com o trabalho de cerca de 150 milhões de habitantes rurais já chega a mais de 1,3 bilhão de pessoas no mundo. Sua contribuição para a segurança alimentar global é fundamental.

Cerca de 7% do Produto Interno Bruto da ALC vem do setor. Para vários países, representa até 20% do seu PIB anual. Em alguns segmentos, a região tornou-se uma potência mundial, produzindo em grandes extensões e com alta tecnologia, mas esse modelo convive com o de pequenos produtores bem organizados em associações, e com o de indivíduos, famílias e comunidades étnicas que frequentemente estão em situação de vulnerabilidade e carecem de benefícios sociais, inclusive os mais básicos.

Segundo o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe–, esses produtores progrediram e podem progredir ainda mais graças aos ecossistemas estratégicos da região, que permitem desenvolver uma nova agricultura, pecuária, pesca e silvicultura que os respeite e proteja. Uma abordagem ecossistêmica, segundo o banco, "permitirá o crescimento da produtividade agropecuária, ao mesmo tempo em que fortalecerá a funcionalidade

ecológica dos ecossistemas regionais, revertendo a perda da biodiversidade e preservando o excepcional capital natural da região, incluindo seus solos e recursos hídricos".

O CAF acredita que o campo na região precisa de um novo impulso, construindo uma visão compartilhada baseada no conceito de prosperidade para toda a cadeia de valor, do produtor ao consumidor. "A prosperidade é a capacidade de agir sistematicamente para alcançar o bem-estar com base em modelos de vida sustentáveis, garantindo a equidade social e a saúde emocional pessoal e comunitária. Implica crescimento econômico sustentável,

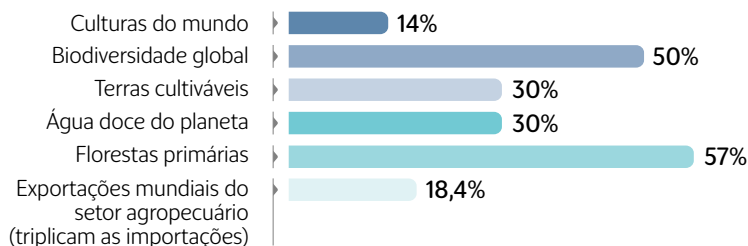


“No estágio atual de degradação ambiental global, não basta mais cuidar do que está bem; é preciso restaurar e regenerar o que foi degradado”.

Primeira região exportadora líquida de alimentos

Fonte: CAF

1,3 bilhão de pessoas consomem alimentos de ALC, que conta com:



238

Bilhões de dólares, Superávit da balança agroalimentar.



OITO DESAFIOS DO SETOR

- **Necessidade de políticas** que abordem de forma integral a desigualdade estrutural e a vulnerabilidade dos territórios e das comunidades.
- **Níveis insuficientes** de investimento público e privado em infraestrutura, inovação tecnológica e outros bens públicos habilitadores.
- **Crescente demanda** por alimentos em um contexto de urbanização acelerada e de novos padrões de consumo saudáveis.
- **Falta de acesso** aos mercados e integração nas cadeias de valor.
- **Necessidade urgente de transição** para processos produtivos de baixa emissão e resilientes ao clima.
- **Necessidade de fortalecimento** institucional nos setores envolvidos. Deficiências na gestão de ecossistemas e biodiversidade que limitam sua capacidade de fornecer serviços de abastecimento e provisão.
- **Oportunidade de promover** um desenvolvimento produtivo baseado na natureza e no conhecimento.
- **Perdas e desperdícios significativos** na produção e distribuição de alimentos.

mas também criação de oportunidades equitativas e promoção de um ambiente em que todas as pessoas possam se desenvolver plenamente e contribuir para o bem-estar coletivo".

Essa definição da ONU e de outras entidades está registrada no documento que apresenta a estratégia "Prosperidade agropecuária", lançada em março passado pelo CAF, no qual o banco anunciou que aumentará e aprofundará os investimentos ao longo de toda a cadeia de valor, para atingir US\$8,5 bilhões até 2030, o dobro do total investido pelo CAF no setor na década anterior. O desenvolvimento dessa estratégia deve levar a "uma melhoria na renda, redução da pobreza e da desigualdade, maior integração regional e territorial, desenvolvimento produtivo baseado no capital natural, mais conhecimento e inovação e apoio com maior investimento e financiamento em infraestrutura física e digital e acesso a mercados".

Três palavras-chave

Esses objetivos estão fundamentados em três conceitos fundamentais. "Entendemos que essa trajetória deve ser sustentada justamente na sustentabilidade, na resiliência e na regeneração", afirma Ignacio Lorenzo, diretor de Assessoria Técnica em Biodiversidade e Clima do CAF.

Sustentabilidade em relação à produção e ao crescimento do setor, mas também no aspecto social, tanto do lado do produtor, onde há famílias camponesas, comunidades étnicas, mulheres, jovens que esperam benefícios, como do lado do consumidor, que exige segurança alimentar. Uma terceira di-

mensão é a ambiental, já que a produção agropecuária está associada ao uso da biodiversidade, ao desmatamento e à emissão de gases de efeito estufa. "Temos a responsabilidade de garantir que essa produção também seja ambientalmente sustentável", afirma Lorenzo.

A resiliência, que diz respeito à capacidade de recuperação após uma crise, aplica-se ao meio ambiente, pois a atividade agropecuária, que ocorre a céu aberto, está exposta às adversidades e desastres climáticos. No entanto, também se destaca a necessidade de que os países disponham de ferramentas para enfrentar a vulnerabilidade financeira, econômica e social gerada pelas flutuações nos preços internacionais dos produtos.

A regeneração está relacionada a outra dimensão ecológica. "No estágio atual de degradação ambiental global, não basta mais cuidar do que está bem; é preciso restaurar e regenerar o que foi degradado", diz Lorenzo.

Décadas de atividades humanas têm deslocado as fronteiras dos ecossistemas naturais e, em alguns casos, gerado substituições insustentáveis. Na ALC, "há um enorme potencial para restaurar a funcionalidade ecossistêmica em muitas áreas, mesmo em condições de produção", afirma o executivo do CAF.

A abordagem estratégica se resume ao fato de que a região ainda possui um capital natural extremamente importante, e a ideia é que, por meio dessa estratégia, se aumente a produção, mas também o cuidado ambiental e a funcionalidade ecossistêmica para sustentar essa produção.

Algumas metas estratégicas até 2030

US\$8,5 bilhões de investimento agropecuário.



100% dos projetos financiados pelo CAF com práticas sustentáveis, regenerativas e resilientes.



10 milhões de pessoas beneficiadas com segurança alimentar e nutricional.



50% dos projetos com roteiros de infraestrutura habilitadora viária, logística, digital e energética.



Modelo integral e colaborativo

O plano do CAF parte do reconhecimento da heterogeneidade que caracteriza os modos de produção agropecuária. “Com essa realidade, devemos conviver e buscar, por meio de mudanças nas práticas, um modelo mais integral que aborde os desafios econômicos, ambientais e sociais para alcançar uma transformação mais rentável e sustentável em todos os aspectos”, diz Lorenzo.

A alocação dos US\$8,5 bilhões que o CAF pretende investir no setor dependerá das características dos proje-

tos, que são avaliados com base em sua contribuição para a agenda verde, por meio de uma metodologia estabelecida pela banca internacional. “O CAF, em suas operações, está atento a esse tema para aumentar a proporção de ações verdes em seus projetos ou até mesmo gerar projetos 100% verdes de conservação ou mudança climática”, explica.

A estratégia de prosperidade agropecuária do banco é integral e fruto da ação colaborativa. Não é responsabilidade de uma área específica dedicada ao setor agropecuário, mas de várias: finanças, comércio, logística, energia, irrigação, produção primária e conservação ambiental, entre outras.

“Para que a realidade da produção agropecuária seja positiva, todas as demais dimensões também precisam estar bem”, enfatiza Lorenzo. Por isso a insistência em uma visão integral, que

A América Latina é líder na produção e exportação de carne bovina e produz 12% do leite do mundo. → Foto - Sergio Acero/ CEET



considere os serviços, infraestrutura viária, educação, saúde e agora energias renováveis, digitalização e inovação. Como exemplo da amplitude das ações do CAF, destaca-se seu apoio ao desenvolvimento da telemedicina, à ampliação das redes de cobertura digital e à implantação de satélites, alguns inclusive com relação com o setor agropecuário.

Externamente, o banco atua junto a instituições governamentais, mas também com o setor privado, no desenvolvimento dessa política integral. A estratégia será implementada em parceria com outras instituições e equipes especializadas, tanto regionais quanto nacionais, que conhecem as realidades dos países e possuem conhecimento técnico. Instituições como FAO, IICA, PMA e FIDA estão entre os parceiros estratégicos.

As políticas públicas também são um componente estratégico e essencial para a construção da prosperidade agropecuária para o banco. “Não se trata apenas de apoiar e financiar um projeto de irrigação para beneficiar um grupo de produtores, mas de permitir que os Estados fortaleçam sua política agropecuária de forma geral”.

O CAF aportará sua oferta de serviços financeiros e de conhecimento como banco de desenvolvimento. “Aqui não se trata apenas de emprestar dinheiro, mas de saber para quê e em que condições”, diz Lorenzo. “Ao banco público de desenvolvimento ou ao banco privado, não dizemos: ‘Aqui estão US\$100 milhões’, mas sim: ‘Emprestamos US\$100 milhões para esta oferta de serviços que você depois poderá oferecer aos seus clientes’. São linhas de crédito com caráter programático.”

Com essa abordagem integral e colaborativa, o banco pretende consolidar-se até 2035 como o principal motor financeiro regional para a prosperidade agropecuária na ALC. A partir de seu papel estratégico, o banco busca não apenas transformar o setor protegendo o capital natural da região, mas também garantir a segurança alimentar e nutricional em nível local, regional e global. 🌱

CAF: uma trajetória de sucesso como emissor de títulos nos mercados de capitais



PONTO DE VISTA

Gabriel Felpeto

Vice-presidente de Finanças do CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe–

Há mais de três décadas, o CAF – banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe – construiu uma trajetória sólida e estratégica como emissor de títulos nos mercados internacionais de capitais. Desde sua primeira emissão em 1993, já colocou mais de US\$70,0 bilhões em mais de 30 moedas e 20 mercados ao redor do mundo. Seu plano anual de financiamento multiplicou-se por 70, passando de US\$100,0 milhões para US\$7,0 bilhões em 2024. Essa evolução financeira reflete uma instituição que ampliou seu alcance, consolidou sua reputação e alinhou seus instrumentos com as prioridades do desenvolvimento sustentável na região. Três marcos explicam essa transformação: a expansão da sua base acionária,

a melhoria sistemática das suas classificações de crédito e uma presença cada vez mais robusta e diversificada nos mercados financeiros globais.

De seis fundadores a 24 países acionistas. O CAF foi fundado por seis países andinos com o objetivo de financiar o desenvolvimento e a integração regional. Hoje, conta com 24 países acionistas e continua em expansão. A recente adesão de várias nações da América Central e do Caribe consolidou uma estratégia de integração regional e diversificação do capital acionário. Essa expansão foi alcançada mantendo a essência latino-americana e caribenha da instituição. A região detém aproximadamente 95% do capital acionário e não há países doadores não mutuários. A ampliação progressiva da base acionária fortaleceu não apenas a estrutura de capital do CAF, mas também sua legitimidade institucional. Atualmente, o CAF é o banco verde e do crescimento inclusivo da América Latina e do Caribe, com uma agenda centrada na sustentabilidade, inclusão social e resiliência climática. Em linha com essa expansão, a Assembleia de Acionistas aprovou, em 2022, um aumento de capital de US\$7 bilhões, o maior da história da entidade, que

permitirá dobrar sua carteira de empréstimos até o início da próxima década. Esse fortalecimento contribuiu de forma decisiva para a melhoria do perfil de crédito do CAF e para consolidar sua reputação como emissor de alta qualidade.

Classificação de crédito em melhoria contínua. Um dos principais catalisadores do posicionamento do CAF nos mercados tem sido a evolução da sua classificação de crédito. Desde que obteve o grau de investimento em 1993, a instituição avançou até alcançar classificações de longo prazo de AA (S&P, estável), Aa3 (Moody's, positiva) e AA- (Fitch, estável). Atualmente, é o emissor da América Latina e do Caribe com as classificações mais altas, superando qualquer um de seus países membros e consolidando sua credibilidade como emissor supranacional. Isso reflete a solidez dos seus ativos, uma gestão financeira prudente e a confiança desenvolvida junto aos seus investidores, que lhe permite acessar os mercados de capitais mesmo em momentos de alta volatilidade. As agências de classificação destacaram avanços institucionais como a diversificação do portfólio, a melhoria na governança e o alinhamento estratégico com a susten-



O CAF atua no financiamento de projetos voltados à geração de energias limpas, símbolo do desenvolvimento sustentável. → Foto - Mauricio Moreno / CEET

tabilidade. A recente melhora na perspectiva da Moody's para "positiva" é testemunho desse progresso.

Ator recorrente e confiável nos mercados globais. Desde sua primeira emissão de US\$ 100 milhões, em 1993, o CAF se consolidou como um emissor frequente e confiável nos mercados internacionais. Até o momento, já emitiu mais de 400 títulos em 32 moedas, acessando tanto mercados públicos quanto privados em todos os continentes. Nos últimos anos, alcançou diversos marcos relevantes que refletem sua presença crescente nos âmbitos global e regional, entre os quais se destacam:

- Em janeiro de 2025, realizou sua maior emissão histórica: um título de referência em dólares no valor de US\$2 bilhões, com uma demanda recorde de US\$14 bilhões.
- Em fevereiro de 2024, retornou ao mercado em libras esterlinas após 22 anos de ausência, com uma emissão de £1bilhão, que alcançou o maior livro de

ordens no segmento SSA (Ação Socialmente Sustentável) de 2024 (excluindo soberanos), com mais de £4,25bilhões.

- Nesse mesmo ano, emitiu A\$500milhões no mercado da Austrália, realizando assim a maior colocação de um emissor latino-americano nesse país.
- Ainda em 2024, realizou uma emissão de €1,5bilhão no mercado europeu, com um dos maiores livros de ordens de sua história nessa moeda.
- Em nível regional, tem promovido o desenvolvimento e o aprofundamento dos mercados de capitais nos países acionistas por meio de emissões locais na Colômbia, Costa Rica, México, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

Graças a essa solidez como emissor SSA, o CAF tem atraído investidores institucionais de longo prazo de todo o mundo, consolidando uma rede de financiamento diversificada e estável. Sua base de investidores inclui aproximadamente 60 bancos centrais e instituições públicas dos cinco

continentes, o que reflete uma confiança internacional constante. Esse respaldo tem permitido manter condições competitivas de acesso aos mercados, mesmo em cenários de alta volatilidade global.

Inovação financeira para o desenvolvimento regional

Paralelamente às emissões tradicionais, o CAF tem fortalecido sua arquitetura financeira com instrumentos inovadores. Desde 2016, já emitiu mais de 30 títulos temáticos, totalizando US\$4,6bilhões, incluindo títulos verdes, sociais, de água, educação, nutrição e saúde. Mais recentemente, em junho passado, lançou seu primeiro título azul, no valor de €100milhões, voltado a projetos de desenvolvimento costeiro resiliente às mudanças climáticas, com o apoio técnico do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Outro exemplo da capacidade de inovação do CAF foi a recente emissão de seu primeiro título híbrido de capital, no valor de US\$500milhões, tornando-se a primeira multilateral latino-americana a incorporar esse tipo de instrumento. Reconhecido como patrimônio pelas agências de classificação, esse título permite ampliar a capacidade de empréstimo em até quatro vezes seu valor, reforçando assim a resiliência financeira da instituição.

A trajetória do CAF nos mercados de capitais não é apenas uma história financeira: é um percurso de expansão estratégica, credibilidade institucional e compromisso com o desenvolvimento sustentável. Cada emissão, cada melhoria de classificação, cada novo país acionista, faz parte de um caminho que reafirma seu papel como catalisador do crescimento inclusivo, da integração regional e da resiliência da América Latina e do Caribe. 🌱

500 anos de aprendizados para o futuro das cidades ibero-americanas



PONTO DE VISTA

Julián Suárez

Gerente de Desenvolvimento Territorial Sustentável do CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe–



O processo de urbanização das últimas décadas na América Latina e no Caribe (ALC) tem sido motor de progresso para milhões de pessoas. No entanto, quando não vem acompanhado de um planejamento adequado, tem gerado fenômenos como a expansão periférica desordenada, a informalidade habitacional, a perda de áreas verdes e de biodiversidade, o aumento da mobilidade humana forçada e a segregação socioespacial. O CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe–, em sua aposta por promover soluções locais para problemas globais, está apoiando iniciativas que buscam a sustentabilidade dos ambientes urbanos, procurando transformar desafios em oportunidades e impulsionando uma agenda de desenvolvimento com três eixos: cidades mais verdes, mais justas e mais prósperas.

A conferência CAF Ibero-América 500+, realizada em julho em Santa Marta, na Colômbia, foi uma oportunidade não apenas para a comemoração dos 500 anos da cidade, mas também para reafirmar que o patrimônio cultural e natural das nossas cidades é um ativo estratégico incomparável

para o desenvolvimento sustentável. Organizada pelo CAF, com aliados como a Secretaria-Geral Ibero-Americana (Segib), a Prefeitura de Santa Marta, o governo da Colômbia e a fundação Tras La Perla, a conferência teve como foco o papel das cidades patrimoniais como laboratórios para impulsionar um modelo de crescimento que una identidade e progresso.

A história é uma fonte de inspiração e resiliência que nos permite apoiar projetos para impulsionar cidades mais equitativas e sustentáveis. Mais de 40 cidades alcançarão, nas próximas décadas, seu quinto centenário. Sua riqueza histórica gerou um valioso patrimônio urbano, natural e cultural, mas também estruturas sociais marcadas por desigualdades. Em nível regional, 23% da população urbana vive em assentamentos informais e 29% está abaixo da linha da pobreza. Segundo a Unesco, a ALC abriga 1.500 cidades com valor patrimonial, sendo 151 reconhecidas como Patrimônio Mundial. No entanto, apenas metade delas possui planos de gestão que considerem adequadamente esse valioso intangível, e muitas enfrentam riscos devido à urbanização descontrolada, ao turismo em massa e às mudanças climáticas. Esse contexto exige políticas que incorporem o valor do patrimônio em estratégias integradas de desenvolvimento. O CAF propõe um modelo que valoriza o local, promove a identidade e fortalece o sentimento de pertencimento. As economias culturais e criativas são centrais em

sua agenda de desenvolvimento territorial. Apostar na cultura não significa apenas capitalizar os aprendizados e ativos do passado, mas também projetar soluções que impulsionem o emprego, o turismo sustentável, a produtividade e a inovação. Assim, o patrimônio será motor de prosperidade territorial.

Em Santa Marta, foi destacada a Aliança Ibero-Americana de Cidades Quinto Centenário, promovida pelo CAF e pela Segib para incentivar o investimento em políticas e projetos que melhorem a qualidade de vida dos habitantes e aproveitem de forma sustentável seus valores culturais e naturais. A aliança está alinhada à decisão do Conselho de Administração do CAF de destinar um terço da capitalização de 2022 ao trabalho com governos locais e regionais. Nos últimos cinco anos, o CAF aprovou programas de mais de 7 bilhões de dólares voltados aos territórios, de forma direta ou indireta. Essa iniciativa reafirma a convicção do CAF de que o desenvolvimento urbano deve se centrar no território e nas comunidades, verdadeiros motores da mudança. A Aliança Ibero-América 500+ permite articular esforços que gerem impactos tangíveis nesses territórios; reflete o compromisso do CAF com o patrimônio, a cultura e as economias criativas, e traduz nossa visão em ações concretas. Ao investir nas cidades patrimoniais, o CAF aposta em um desenvolvimento mais inclusivo, produtivo e resiliente, que fortaleça suas raízes e olhe para o futuro com ambição e esperança. 🌱

DESENVOLVIMENTO URBANO

Por Equipe editorial VD

@AgendaCAF



Santa Marta é cidade-piloto do Programa de Exploração, Descrição e Digitalização de Arquivos Históricos das Cidades 500+, impulsionado pelo CAF. ➔ Foto - Carlos Rincón / CEET



A celebração dos 500 anos de Santa Marta serviu de marco para a assinatura de um compromisso com a iniciativa 'Ibero-América 500+: Cidades com um legado para o futuro', com o objetivo de projetar um novo nível de desenvolvimento para essas cidades.

Uma aliança pelas cidades quinhentenárias



té meados deste século, mais de 40 cidades fundadas após a chegada de Cristóvão Colombo às costas da América terão completado 500 anos de fundação. Entre elas já estão, por exemplo, Santo Domingo, capital da República Dominicana; Cidade do México e Veracruz, no México; Cidade do Panamá e Puerto Cortés, em Honduras.

100

**MILHÕES DE HABITANTES
É O NÚMERO APROXIMADO
DE PESSOAS QUE VIVEM NAS
CIDADES QUE CELEBRARÃO 500
ANOS DE FUNDAÇÃO ATÉ 2050.
ISSO REPRESENTA UMA EM CADA
SEIS PESSOAS NA AMÉRICA
LATINA E NO CARIBE.**

Somente neste ano, estão comemorando cinco séculos de existência cidades como San Salvador, capital de El Salvador; Tlaxcala, no México, e Santa Marta, fundada pelo espanhol Rodrigo de Bastidas às margens do Caribe colombiano e aos pés da serra nevada que leva seu nome, a montanha litorânea mais alta do mundo. Conhecida como "a Pérola do Caribe", foi o último refúgio de Simón Bolívar e é considerada a cidade mais antiga da América do Sul.

Foi precisamente lá, durante as comemorações do quinto centenário em julho passado, que o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe– e a Secretaria-Geral Ibero-Americana (Segib) realizaram uma conferência na qual representantes de cidades ibero-americanas assinaram a Declaração de Santa Marta, um compromisso para impulsionar 'Ibero-América 500+: Cidades com um legado para o futuro'.

Essa iniciativa, apresentada como uma oportunidade "para transformar o passado em impulso, o presente em ação e o futuro em oportunidade compartilhada", nasceu para fortalecer não apenas a identidade cultural, mas também a sustentabilidade urbana e a resiliência ambiental das cidades quinhentárias.

As cidades que alcançarão esse marco até 2050 concentram cerca de



A MEMÓRIA, PONTE PARA O FUTURO

Como outra forma de se somar às celebrações pelos 500 anos de cidades da América Latina e do Caribe, o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe– apresentou em Santa Marta a exposição Unindo continentes, uma história compartilhada, uma experiência sensorial para refletir sobre os encontros históricos entre Europa e América e seu impacto na formação das cidades ibero-americanas.

A exposição, concebida para alcançar crianças, jovens, turistas e comunidades locais, transforma a história em uma experiência dinâmica que conecta o passado com os desafios atuais. Ela combina recursos audiovisuais, mapas antigos, fac-símiles digitalizados e efeitos sensoriais.

O público mergulha nas travessias atlânticas, na colonização e em seu legado, descobrindo como esses processos moldaram a identidade das cidades ibero-americanas. Diversas vozes narram a construção do patrimônio urbano da região.

O desenvolvimento da exposição Unindo continentes foi realizado em colaboração com a Fundação Cajasol e a Fundação Nao Victo-

ria; o Ministério da Cultura da Espanha; o Arquivo Geral das Índias, com sede em Sevilha; e a Prefeitura de Santa Marta.

Esther Cruces Blanco, diretora do Arquivo Geral das Índias, agradeceu o compromisso do CAF com a conservação, custódia e valorização do patrimônio documental. "Fazer isso é fazer país", afirmou.

Essa iniciativa faz parte do Programa de Exploração, Descrição e Digitalização de Arquivos Históricos das Cidades 500+, impulsionado pelo CAF, que busca resgatar, digitalizar e divulgar documentos históricos dispersos em arquivos de toda a região. Além de preservar esse patrimônio, o programa visa facilitar a pesquisa e a reinterpretação contemporânea.

A primeira fase concentrou-se na identificação e recuperação de acervos documentais fragmentados, com ênfase especial em cidades emblemáticas como Santa Marta, escolhida como cidade-piloto. Em colaboração com o Arquivo Geral das Índias, está sendo realizada a digitalização de documentos-chave sobre sua fundação. A estimativa é alcançar 21.000 imagens.

100 milhões de habitantes, ou seja, uma em cada seis pessoas na América Latina e no Caribe (ALC). Capitais como Lima, Bogotá, Buenos Aires, Quito, Santiago e La Paz (capital de facto da Bolívia) fazem parte desse conjunto e são pilares não apenas da vida política, mas também da atividade econômica de seus países. O que acontece nessas cidades costuma dominar o cenário nacional.

Para o presidente do CAF, Sergio Díaz-Granados, trabalhar na reativação e projeção de um novo nível de desenvolvimento para essas cidades é "uma oportunidade única

para conectar o legado patrimonial com uma visão de futuro" e assegurar um maior potencial de crescimento econômico para a ALC.

Essas cidades compartilham desafios comuns: a preservação do legado cultural, a gestão do crescimento urbano e a necessidade de financiamento inovador para projetos sustentáveis.

"É o momento de usar a experiência comum para construir soluções e nos projetarmos no mundo. Nossa função no banco é contribuir para liberar todo o potencial da região. Contribuir para fortalecer as



regiões, construir pontes”, afirmou Díaz-Granados.

Por sua vez, o secretário-geral da Segib, Andrés Allamand, destacou que a desigualdade territorial coloca em risco a convivência democrática, e propôs avançar rumo a “um novo pacto urbano que assegure melhor qualidade de vida para todas e todos”.

Concretamente, a aliança atuará no posicionamento dessas cidades, na geração de capacidades e conhecimento e, sobretudo, no financiamento de seu desenvolvimento futuro, buscando acesso a fundos internacionais.

A aliança facilitará a troca de conhecimentos e experiências que possam ser úteis para essas cidades e suas áreas de influência, além de promover a implementação de políticas públicas que melhorem a qualidade de vida de seus habitantes.

“É fundamental que promovamos as ferramentas adequadas para os cidadãos, pois somos nós quem construímos as cidades. Devemos assumir os desafios para transformar as dificuldades em ambientes habitáveis e espaços saudáveis,

e não apenas em locais de aglomeração. Enfrentar esses desafios de forma conjunta é crucial, e por isso, felicito iniciativas como esta”, afirmou na conferência Susana Sumelzo, secretária de Estado para a Ibero-América, o Caribe e o Espanhol no Mundo da Espanha.

Um dos primeiros anúncios concretos da aliança foi a destinação de um capital semente, por parte do CAF, para desenhar rotas de investimento em projetos estratégicos que equilibrem desenvolvimento urbano e proteção do patrimônio.

O banco tem se consolidado como um ator central na transformação urbana da região nos últimos cinco anos, com a aprovação de programas que somam cerca de US\$7 bilhões para financiar obras em cidades da região. Os recursos foram destinados a projetos-chave em setores como água potável, saneamento, transporte urbano e restauração do patrimônio cultural.

Agora, com ‘Ibero-América 500+: Cidades com um legado para o futuro’, o CAF se une ao propósito de “construir uma nova visão ibero-americana, inclusiva, verde, partici-

pativa e profundamente enraizada em nossa identidade cultural”.

Essa identidade cultural, no caso de Santa Marta, é representada em grande parte pelo povo indígena arhuaco, que durante o encontro deixou uma mensagem vinculada à sustentabilidade nas palavras do mamo (líder espiritual) Camilo Izquierdo: “Que os 500 anos sirvam para uma reflexão profunda. Nós ainda estamos na serra, refletindo sobre esse legado. E aqui, onde estão presentes mulheres, homens e jovens, devemos juntos pensar em cenários de proteção, pois de nada serviria mais um encontro sem levar em conta a proteção da terra, da água, das montanhas, e que juntos possamos projetar um futuro para os que ainda não nasceram e para os que não têm voz.”

A celebração dos 500 anos de Santa Marta incluiu a exposição Unindo continentes, uma história compartilhada, experiência sensorial para refletir sobre os encontros históricos entre Europa e América. → Foto - CAF

ASSUNTOS REGIONAIS

Por Equipe editorial VD

@AgendaCAF



Uma locomotiva para o desenvolvimento sustentável



Um estudo promovido pelo CAF -banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe- identificou 155 projetos ferroviários na região, cujo desenvolvimento exigiria US\$400 bilhões.

Uma alternativa promissora para a indústria ferroviária na região é o desenvolvimento de trens turísticos, como este que leva a Machu Picchu, no Peru. → Foto - Emmanuel Ledezma Araya / Unsplash.





América Latina e o Caribe (ALC) devem transformar a imagem nostálgica do trem, arraigada após décadas de declínio, para converter esse meio de transporte em uma locomotiva do desenvolvimento sustentável e da integração regional?

A resposta dos especialistas é sim. “Todos estamos cientes de que uma boa estratégia de mitigação das mudanças climáticas é a descarbonização do transporte. E, se observarmos que o modo ferroviário pode eliminar até 80% das emissões de gases de efeito estufa geradas pelo transporte rodoviário, onde atualmente se concentra a logística e o transporte, fica clara a conveniência de apostar na infraestrutura ferroviária”, afirma Ángel Cárdenas, gerente de Infraestrutura para o Desenvolvimento no CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe–.

No entanto, para tornar essa transformação realidade, é preciso superar vários obstáculos, segundo Cárdenas. O primeiro é uma barreira estrutural e sistêmica na região, que é o baixo investimento em infraestrutura em geral, que hoje “é a metade do que deveríamos investir para alcançar a Agenda de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2030”.

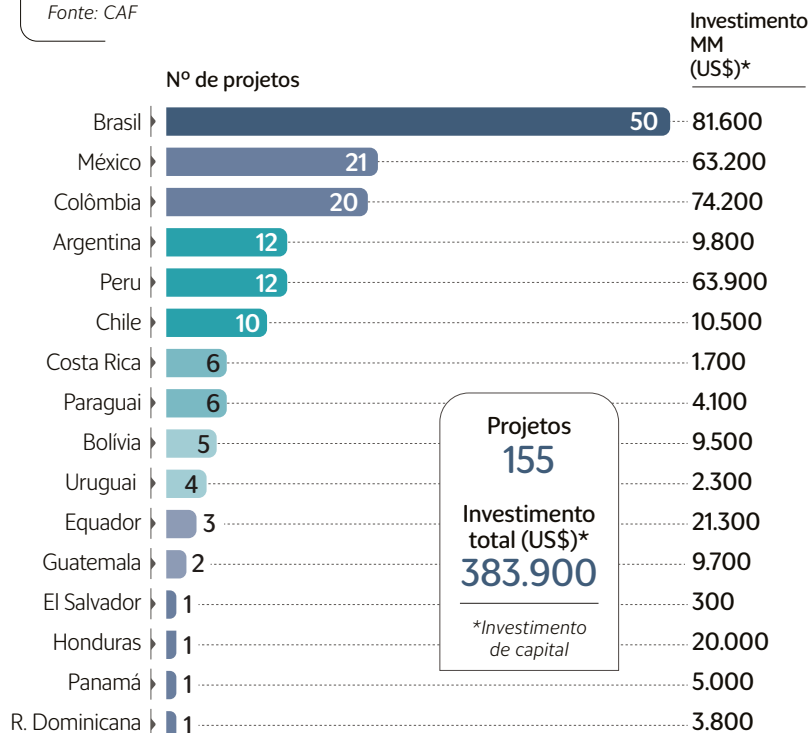
Isso equivale a cerca de 1,4% do PIB. E, especificamente no setor de transporte, apenas 0,9%, dos quais 80% são destinados ao modal rodoviário. “Isso exclui uma parte significativa dos recursos que deveriam ser investidos em ferrovias”, explica Cárdenas.

A realidade é que projetos rodoviários são menos custosos do que os ferroviários, que, devido ao seu volume,

Projetos ferroviários planejados na ALC

Os projetos incluídos são de carga, passageiros e mistos.

Fonte: CAF



nem sempre podem ser financiados diretamente pelos cofres públicos. “E isso nos leva a outra barreira: a pouca profundidade do mercado financeiro para estruturar mecanismos mais flexíveis e inovadores que possam acompanhar esse tipo de investimento, cujo retorno ocorre de forma muito lenta”, acrescenta Cárdenas.

Outros obstáculos são regulatórios. Estão relacionados à padronização de normas e práticas, sobretudo no que diz respeito à interoperabilidade e à intermodalidade, o que limita o potencial valor do trem em termos de produtividade e competitividade.

O capital humano também é uma limitação, devido ao atraso do sistema ferroviário. “Certamente, precisamos voltar a capacitar pessoas à altura dos investimentos”, afirma Cárdenas.

Há outros dados que incentivam o investimento em ferrovias. ALC tem os maiores custos logísticos do mun-

do, em torno de 14% a 18% do valor do produto, quase o dobro da média dos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

O modo ferroviário reduz os custos logísticos entre 30% e 50%, melhora a produtividade e a competitividade, aumenta a eficiência do comércio internacional e integra comunidades isoladas.

Na região, entre 7% e 10% da carga é transportada por trens, enquanto nos Estados Unidos esse número chega a 40%. “Temos problemas logísticos, mas eles se devem a uma baixa capacidade de planejamento. Temos uma infraestrutura ferroviária fragmentada e desconectada”, diz Cárdenas. “Investir em ferrovias é coesão social, logística eficiente e transição energética justa”, ressalta.

O desenvolvimento da nova malha, acrescenta o executivo do CAF, deve priorizar trens de longa distân-

cia que possam transportar tanto carga quanto passageiros, não apenas para acelerar o retorno dos investimentos, mas também para gerar convergência e coesão territorial, e fortalecer a competitividade das cadeias produtivas ao aproximar os mercados.

No entanto, não se pode deixar de lado a conexão entre os centros urbanos e suas periferias, sobretudo porque, em ALC, 80% da população vive em cidades, que são grandes motores do desenvolvimento econômico e da competitividade dos países.

A radiografia

No Fórum Internacional pela Reativação Ferroviária, promovido pelo CAF e pelo Ministério dos Transportes da Colômbia e realizado em Bogotá em julho passado com especialistas de 12 países, revelou-se que existem 155 projetos ferroviários identificados na região. Esses projetos totalizariam cerca de 57.000 quilômetros de via férrea e exigiriam um investimento próximo de US\$400 bilhões.

Brasil, Colômbia, Peru e México são os países que demandariam os maiores volumes de investimento. O Brasil tem em mente 50 projetos que exigiriam US\$81,6 bilhões; a Colômbia, com 20 projetos, demandaria cerca de US\$74,2 bilhões. O México planeja reativar seu robusto sistema ferroviário com 21 projetos que demandariam US\$63,2 bilhões, e o Peru, que projeta uma linha costeira entre a fronteira com o Equador e o sul com o Chile, precisaria de US\$63,9 bilhões.

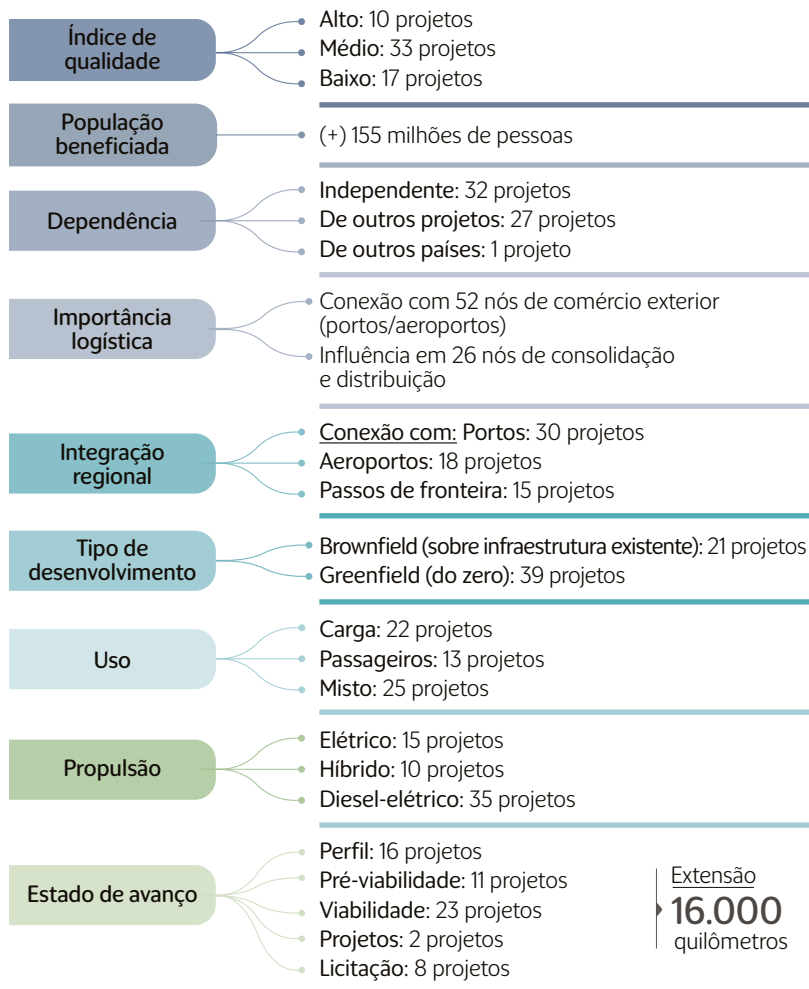
Entre os 155 projetos, 80% são de prioridade média ou alta: 68 são de prioridade alta, outros 59 de prioridade média e 28 de prioridade baixa.

Ao aprofundar a análise, o CAF identificou um conjunto de 60 projetos que somam 16.000 quilômetros, beneficiariam 150 milhões de pessoas e demandariam US\$153 bilhões, mas que “necessitam de apoio especial para sua estruturação técnica e/ou financeira”.

Caracterização dos projetos identificados

Características dos 60 projetos identificados que precisam de apoio em sua estruturação.

Fonte: CAF



Ao longo do fórum, os executivos do CAF afirmaram que o grande desafio desses projetos “não é o dinheiro, e sim a qualidade da estruturação dos próprios projetos”. Entre os 60 projetos identificados, a maioria é de qualidade média. A maioria também é estratégica para a integração com portos e aeroportos. Um total de 45 são de carga ou mistos (passageiros-carga) e 39 seriam estruturas essencialmente novas (greenfield).

Diante do desafio dos altos volumes de capital exigidos por esses pro-

jetos, que não podem ser totalmente assumidos pelos cofres públicos, segundo o gerente Cárdenas, é necessário falar na região sobre PPPs, concessões, cooperação internacional, cobranças por valorização e outras alternativas.

Além disso, é fundamental trabalhar para encontrar uma governança adequada que garanta a execução e a operação com o mínimo de atrasos e sobrecustos. O presidente executivo do CAF, Sergio Díaz-Granados, pediu no fórum que a região aposte em po-

PROJETOS SOBRE TRILHOS NA REGIÃO

1

Uruguai entra nos trilhos

Com um custo próximo de US\$1,3 bilhão, foi desenvolvido no Uruguai o Ferrocarril Central, que conecta Pasos de los Toros, cidade do interior, ao Porto de Montevideu, para transportar mais de 4 milhões de toneladas de carga, principalmente celulose, com grandes economias em fretes e emissões de CO₂. O CAF contribuiu com um empréstimo de US\$85 milhões para o projeto e catalisou mais US\$250 milhões. Atualmente, apoia o país no desenho do Plano Diretor de Transporte Ferroviário, com o objetivo de revitalizar e modernizar o sistema, tanto para o transporte de passageiros, urbano e rural, quanto de cargas.

2

Chile coloca seu plano nos trilhos

A Empresa de Ferrocarriles de Chile (EFE) planeja investir mais de US\$5 bilhões em projetos transformadores para o setor ferroviário chileno. O CAF reafirmou seu compromisso como parceiro estratégico dessa iniciativa de desenvolvimento sustentável, facilitando um financiamento de US\$1,2 bilhão sem garantia soberana. A rede ferroviária da EFE, que conta com 2.311 quilômetros de trilhos, desenvolverá até 2030 a nova linha de metrô-trem que conectará a estação central de Santiago a Melipilla em 48 minutos, beneficiando 8 comunas da região metropolitana da capital.

3

Colômbia e seu sonho interoceânico

Após reativar o corredor de carga La Dorada-Chiriquaná, que recebeu um investimento próximo de US\$115 milhões, o atual governo colombiano pretende deixar encaminhados vários projetos-chave. Entre eles está o corredor ferroviário do Pacífico, um trem que conectaria a região de Catatumbo, na fronteira com a Venezuela, ao eixo ferroviário central; e outro, de impacto internacional, que ligaria os oceanos Pacífico e Atlântico entre dois pontos do departamento de Chocó, na fronteira com o Panamá. Por iniciativa regional, está atualmente em desenvolvimento o Regiotram do Ocidente, na área metropolitana de Bogotá, que será complementado pelo Regiotram do Norte. Outro projeto no horizonte é o trem metropolitano do Valle del Cauca, que beneficiaria a área de influência de Cali.



O CAF reuniu especialistas e autoridades em julho passado para discutir o renascimento dos sistemas ferroviários. → Foto - CAF



APOIO AOS METRÔS

O CAF aprovou o financiamento de até US\$300 milhões para o sistema de metrô de Santiago, com o objetivo de apoiar seu plano de expansão e modernização. Desde os anos 1990, com o Metrô de Caracas, o banco já aportou mais de US\$4 bilhões em apoio técnico e financeiro para o desenvolvimento de sistemas metropolitanos em grandes cidades da Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, Panamá, Peru e Venezuela.

líticas de Estado em torno dos trens que tenham continuidade independentemente dos ciclos de governo.

Nos últimos anos, o CAF aportou US\$2 bilhões em projetos ferroviários em 5 países e destinou US\$14 milhões para assistência técnica na estruturação de projetos em 10 países.

Além disso, continua mobilizando recursos técnicos e financeiros por meio de uma rede de agências de cooperação, bancos de desenvolvimento, agências técnicas e operadores internacionais.

“O trem não é uma relíquia do passado, e sim uma peça-chave do futuro da mobilidade na América Latina e no Caribe. O transporte ferroviário foi e pode continuar sendo um motor de progresso, ao integrar regiões, conectar economias locais e reduzir emissões”, disse Díaz-Granados no fórum.

“Esse renascimento do trem não é uma moda passageira, mas parte de uma estratégia abrangente para construir uma região mais sustentável e integrada”, concluiu. 🌱

ASSUNTOS REGIONAIS

Por Equipe editorial VD

@AgendaCAF



Qual é a fórmula para impulsionar o comércio da região?

Um dos grandes desafios da região é gerar mecanismos de comércio intrarregional mais fluidos e intensos. Na imagem, uma macro rodada de negócios.

→ Foto - Vanexa Romero / CEET

Tornar mais eficiente a colocação dos produtos da América Latina e do Caribe em outros mercados continua sendo um objetivo fundamental para consolidar a competitividade e tirar proveito de um comércio mais livre.

Há mais de 60 anos começaram a surgir processos de integração entre os países da América Latina e do Caribe (ALC), com foco especial em fortalecer o intercâmbio econômico entre eles, acelerar o ritmo de desenvolvimento e atuar em bloco diante do mundo. E há mais de 30 anos, com o objetivo de avançar rumo a um intercâmbio global mais livre e fluido, muitos países da região aderiram à onda de abertura comercial, eli-

minando ou reduzindo tarifas e outras barreiras, e multiplicaram os acordos de livre comércio (ALC) com países e zonas econômicas mais poderosas.

No entanto, as expectativas não se cumpriram, apesar do aumento dos níveis de comércio e investimento. Como afirma o Relatório RED 2021 do CAF – banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe –, a ALC não conseguiu reverter a tendência de estagnação da

sua participação nos fluxos comerciais globais, que permanece entre 4% e 5%.

O mapa exportador da região mostra, além disso, que os ALC têm sido aproveitados para inserir certos produtos primários em mercados extrarregionais, e não necessariamente produtos com valor agregado, que são os que permitem aos países integrarem-se às cadeias globais de valor. O efeito é que o comércio com os parceiros extrarregionais tornou-se mais bilateral e reprimarizado.

O relatório do CAF também destaca que “as medidas de abertura adotadas não geraram aumentos significativos e sustentados no intercâmbio intrarregional”. A ALC é uma das regi-

ões menos integradas comercialmente do mundo: desde meados da década de 1990, as exportações destinadas a outros países da própria região se mantêm em torno de 15% do total. Em contraste, 55% das exportações da União Europeia (UE) têm como destino seus próprios membros, e entre os países do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Canadá, Estados Unidos e México), o nível chega a 38%.

Fórmula de mudança

Como mudar essa dinâmica? Os especialistas do CAF consideram que o que está acontecendo se deve, em grande medida, ao fato de que “a inserção internacional da região tem sido principalmente normativa e institucional, e não produtiva e econômica”. Ou seja, embora os acordos comerciais proporcionem acesso a mercados, a falta de produtividade e as deficiências em competitividade impedem que sejam plenamente aproveitados. É por isso que muitos países da região atualmente não se concentram tanto em assinar novos acordos, mas sim em implementar e tirar proveito dos que já têm.

Os especialistas da área no CAF afirmam que as barreiras a serem superadas se concentram em temas não tarifários e que é necessário avançar mais nesse campo, a fim de criar condições suficientes de competitividade para acessar tanto os mercados intra regionais quanto os externos.

O primeiro ponto é melhorar a infraestrutura. O custo de levar um produto a grandes distâncias a partir da América Latina continua sendo uma desvantagem significativa, apesar dos avanços. No Índice de Desempenho Logístico do Banco Mundial, a região apresenta uma defasagem entre 35% e 40% em relação aos países com melhor desempenho. É preciso aprofundar o desenvolvimento de uma infraestrutura integral, sustentável e funcional.

Outro aspecto é a facilitação do comércio e do desenvolvimento transfronteiriço. Trata-se, segundo os especialistas, de refletir sobre “quais são os serviços que o Estado deve prestar para que, em um ponto de fronteira, um pro-

duto não seja retido, mesmo quando há uma boa estrada”.

O CAF atua intensamente nessa facilitação, não apenas com os ministérios do Comércio e com as aduanas, mas também com agências não aduaneiras, como as de agricultura e saúde, que frequentemente apresentam menor nível de desenvolvimento institucional ou menos capacidades, apesar da relevância exportadora de setores como o agroindustrial, por exemplo.

A adequação e regulamentação de padrões é outro ponto que precisa ser aprofundado para fortalecer a interoperabilidade, a digitalização e a adoção de tecnologias avançadas. Segundo porta-vozes do CAF, a interoperabilidade permite reduzir a carga burocrática do comércio e facilita o acesso das empresas, especialmente as de menor porte, a diferentes mercados.

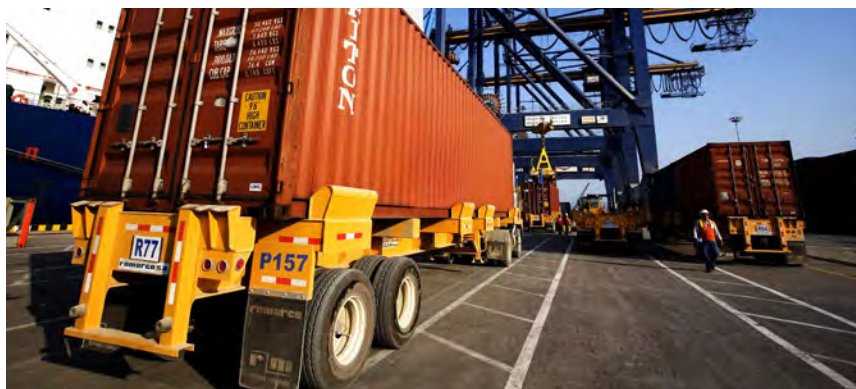
Para o CAF, é particularmente importante desenvolver com os países da região uma agenda de mudança climática e sustentabilidade de longo prazo, devido ao impacto sobre a produtividade dos investimentos, especialmente em infraestrutura.

Há, ainda, muito a ser feito em termos de capacitação, segundo os espe-

cialistas. Com frequência, há pouco conhecimento sobre o que é necessário para acessar determinado país ou zona, por exemplo, e é preciso melhorar o acesso à informação dos diferentes mercados por meio dos organismos de integração.

Superar essas barreiras é fundamental para aproveitar as grandes oportunidades que podem surgir no atual contexto geopolítico e econômico, que vem modificando a forma como o comércio se desenvolveu nos últimos 40 anos. A região pode aproveitar essas mudanças tarifárias para, no contexto de esquemas como o nearshoring e o friendshoring (localização produtiva ou operacional em países próximos ou aliados do mercado principal), começar a produzir certos bens não apenas para exportá-los a grandes mercados como os Estados Unidos, mas também para comercializá-los dentro da própria região e gerar, com isso, cadeias de valor. 🌐

A região avançou em infraestrutura para o comércio entre países, mas as necessidades ainda são maiores que as soluções. ➔ Foto - Diego Cauayo / CEET



35%-40%

É A DEFASAGEM QUE A REGIÃO APRESENTA EM RELAÇÃO AOS PAÍSES COM MELHOR DESEMPENHO LOGÍSTICO, SEGUNDO O BANCO MUNDIAL. É NECESSÁRIO INVESTIR MAIS EM INFRAESTRUTURA INTEGRAL E SUSTENTÁVEL.

FINANÇAS

Por Equipe editorial VD

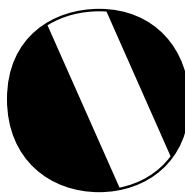
@AgendaCAF



Economia azul sustentável:

UM COMPROMISSO COM
A SAÚDE E A RIQUEZA
DOS OCEANOS

O futuro da região está
diretamente ligado ao
destino de seus mares, que
cobrem metade de seu
território. O CAF -banco de
desenvolvimento da América
Latina e Caribe- planeja
investir US\$2.5 bilhões nesses
ecossistemas até 2030.

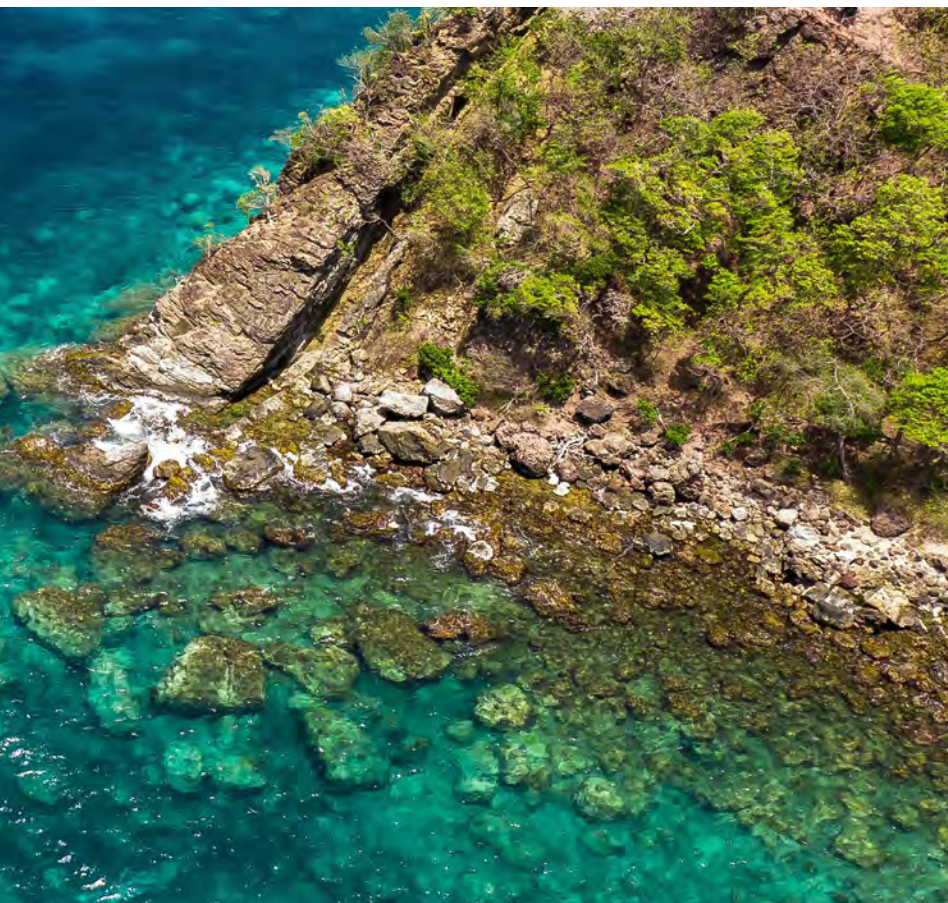


que têm em comum uma mulher que atua na conservação dos manguezais do Pacífico colombiano, homens e mulheres que retiram sargaço (algas marinhas) das praias do México, um pescador do litoral peruano, trabalhadores dos portos em cidades costeiras e agentes de turismo nos países caribenhos?

Todos eles, consciente ou inconscientemente, fazem parte do que hoje se denomina “economia azul”: a economia dos oceanos, que na América Latina e no Caribe (ALC) envolve mais de 27% da população que vive em cidades, povoados ou territórios costeiros e depende, de uma forma ou de outra, dos recursos que o mar oferece.

“O que dizemos é que economia azul é tudo aquilo que está relacionado com a saúde dos oceanos e com a riqueza que eles proporcionam”, explica Alicia Montalvo, gerente de Ação Climática e Biodiversidade Positiva do CAF –banco de

O mar do Caribe tem riquezas naturais que permitem o desenvolvimento de suas áreas costeiras continentais e de suas ilhas para além do turismo. → Foto - Hugh Whyte / Unsplash



desenvolvimento da América Latina e Caribe—.

No que se refere à riqueza gerada pelos oceanos na região, destaca-se a biodiversidade marinha, sem paralelo no mundo: os ecossistemas marinhos e costeiros da ALC produzem metade do oxigênio que respiramos e, desde 1980, absorveram mais de 90% do excesso de calor e um quarto das emissões de CO₂. Entre 10% e 12% dos recifes de corais e manguezais, bem como 18% das regiões ecomarinas do planeta, estão localizados na ALC.

O valor econômico estimado dos oceanos da ALC é de US\$19 bilhões

anuais, sem incluir o turismo. Em 2023, 30 milhões de turistas visitaram o Caribe, gerando o equivalente a 30% de seu PIB.

Do ponto de vista da saúde dos oceanos, os números demonstram o impacto dos problemas enfrentados pelos sistemas marinhos: 40% da produção pesqueira da ALC foi perdida em apenas uma década devido ao aquecimento global e à erosão costeira.

Muitos dos territórios costeiros da região enfrentam a degradação de seus ecossistemas marinhos, capacidade local limitada para enfrentar esses desafios, baixo valor

agregado nas cadeias produtivas marinho-costeiras, lacunas de investimento e fragmentação institucional que impede a conciliação entre a riqueza marinha e a preservação da saúde dos oceanos.

“Os oceanos estão em crise. Águas mais quentes e ácidas, o aumento do nível do mar e a sobrepesca – com 90% dos recursos mundiais no limite – ameaçam a segurança alimentar de um bilhão de pessoas e os 350 milhões de empregos vinculados ao mar”, alerta Sergio Díaz-Granados, presidente executivo do CAF.

Na sua opinião, o futuro das economias da região “está indissoluvelmente ligado à saúde dos oceanos, que cobrem metade da geografia latino-americana e caribenha e até 91% dos estados insulares”.

Por isso, o CAF decidiu apostar na saúde dos oceanos e no bem-estar da população que deles depende e colocou o tema da economia azul na agenda pública. Considera que a ALC, por sua biodiversidade marinha e a população que nela habita, tem o potencial de se tornar uma ‘região solução’, capaz de liderar transformações produtivas fundamentadas em seu capital natural e humano: 23 dos 33 países têm maior território marinho do que terrestre.

Depois de investir US\$1,25 bilhão em economia azul e lançar um título azul de €100 milhões, o CAF ampliou sua abordagem na economia azul sustentável com o propósito de que seja uma via de redução das desigualdades e de fortalecimento do tecido socioeconômico costeiro. Sua aposta agora é mobilizar US\$2,5 bilhões até 2030.

Essa abordagem implica que o uso dos recursos marinhos deve ocorrer dentro dos limites ecológicos do oceano, porque o desenvolvimento azul só é sustentável se mantiver ou melhorar a capacidade dos ecossistemas de se regenerarem, proteger a biodiversidade e fornecer serviços ecossistêmicos essenciais como a captura de carbono, a proteção costeira ou o fornecimento de alimentos.

Além disso, é fundamental que as atividades marinho-costeiras gerem oportunidades para as comunidades locais, os povos indígenas, as mulheres e os jovens, assegurando a distribuição justa dos benefícios econômicos e fomentando a retenção de valor nos territórios.

A aposta é canalizar ação técnica, financeira e institucional focada em que o oceano se converta em um eixo transformador para a região em três dimensões: inclusão social e equidade territorial, equilíbrio entre conservação e desenvolvimento e a resiliência climática e adaptação. Segundo o CAF, trata-se de um modelo alternativo, inclusivo e regenerativo, capaz de gerar oportunidades econômicas sem comprometer os equilíbrios ecológicos.

“Nós vemos na economia azul sustentável um grande potencial para ajudar a melhorar os indicadores de pobreza em cidades costeiras e a qualidade de vida de seus habitantes”, explica Erick Castro, executivo principal da Assessoria Técnica em Biodiversidade e Clima do CAF.

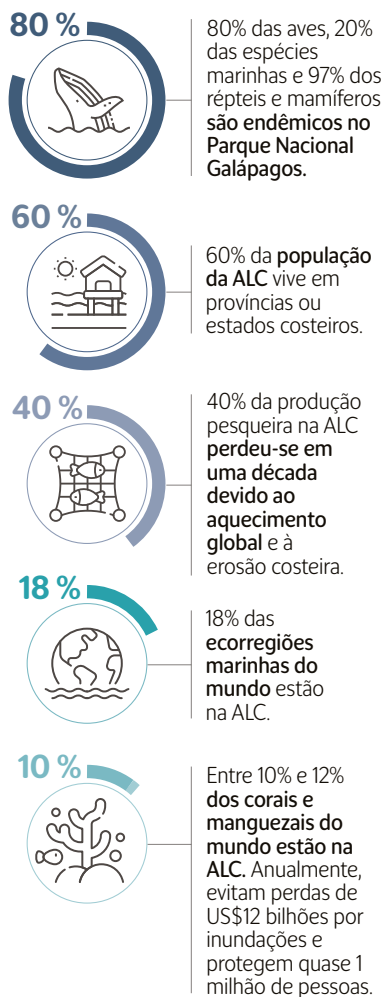
Seis linhas de ação

O CAF definiu uma rota de economia azul sustentável que inclui os temas de financiamento, conhecimento, diplomacia e inovação a serviço de uma agenda azul regional, com quatro funções centrais: financiamento azul, geração de valor local, fortalecimento de capacidades e diplomacia azul, e seis linhas temáticas prioritárias: recursos marinho-costeiros, energia azul, turismo e recreação, infraestrutura e transporte, inovação e tecnologia e institucionalidade.

A ideia é mobilizar recursos e instrumentos adaptados às necessidades da região, como títulos azuis, esquemas baseados em resultados ou trocas de dívida por natureza, com critérios de impacto ambiental, social e econômico, para apoiar as cadeias de valor marinho-costeiras sustentáveis, fomentar o empreendedorismo azul e criar condições pa-

Nos mares da América Latina e do Caribe (ALC)

Fonte: CAF



ra a retenção de benefícios nos territórios costeiros.

Um aspecto-chave da estratégia é o fomento da diplomacia azul, ou seja, fortalecer a promoção da cooperação regional e internacional, dar voz à região em espaços globais e facilitar acordos comuns que façam da economia azul uma prioridade de desenvolvimento.

“A ideia é posicionar em todos os cenários possíveis uma marca da América Latina e do Caribe, por-

que hoje não há tanta presença nem uma voz da região nessas negociações”, comenta Alicia Montalvo.

Assim, o CAF espera fortalecer sua presença técnica nos países e atuar como uma plataforma de alianças para a ação azul, com resultados em seis frentes. Um é restaurar e proteger ecossistemas críticos como manguezais, recifes e pradarias marinhas. Outro, reduzir a dependência de combustíveis fósseis por meio de energias renováveis oceânicas.

Busca-se também melhorar a segurança alimentar por meio da pesca e da aquicultura sustentáveis, bem como promover o emprego, a inovação e a competitividade em comunidades costeiras. Dois objetivos adicionais são aumentar a resiliência frente às mudanças climáticas e reduzir a vulnerabilidade social.

Segundo os estudos do CAF, é preciso entender que a confluência da crise climática, perda de biodiversidade, desigualdade e pressão sobre as zonas costeiras exige respostas estruturais e constitui uma janela de oportunidade para posicionar o oceano como ativo estratégico de desenvolvimento. No entanto, advertem que a transformação não pode ser alcançada de forma isolada: é necessário o envolvimento de governos, setor privado e entidades financeiras, comunidades, academia e organismos multilaterais para construir juntos uma agenda azul compartilhada.

“A ação oceânica na América Latina e no Caribe não é apenas urgente, mas viável, desejável e estratégica”, adverte o CAF, que espera consolidar-se como banco verde e azul da região, comprometido a longo prazo com o desenho, a implementação e a ampliação de políticas, projetos e capacidades.

O propósito final é trabalhar por um desenvolvimento costeiro mais inclusivo, resiliente e sustentável com uma agenda azul que se traduza em um impacto tangível nos territórios.

Projetos: das políticas oceânicas ao sargaço

O CAF foi pioneiro ao apostar na **economia azul** com US\$1,25 bilhão no período de 2022-2026, que rapidamente encontraram projetos que aguardavam financiamento, tanto que, um ano antes do término do prazo, todos os recursos já estão em execução.

Foram destinados a diferentes zonas da região para fortalecer áreas marinhas protegidas, pesca sustentável, erradicação de espécies invasoras, restauração de corais, gestão do sargaço, saneamento e gestão de resíduos, prevenção de inundações e sustentabilidade da atividade econômica em zonas costeiras.

Até agora, o CAF impulsionou 17 operações de crédito e 18 cooperações técnicas com componentes de economia azul sustentável e proteção de zonas marítimas e costeiras, que beneficiaram 16 países da América Latina e do Caribe.

O apoio foi direcionado a projetos muito diversos. Entre eles, de adaptação costeira (Trinidad e Tobago), transição energética no setor de camarões (Equador), saneamento marinho (Equador, Brasil, El Salvador) e políticas oceânicas (Colômbia).

As cooperações técnicas abrangem desde a restauração de corais e o manejo do sargaço até a gestão de áreas marinhas protegidas e a redução da pesca ilegal. Além disso, o CAF geriu US\$90 milhões em fundos verdes para promover a economia azul e controlar espécies invasoras e assegurou mais

US\$25,7 milhões para restauração de manguezais e manejo do sargaço.

“Esse marco no financiamento azul evidencia nosso compromisso com a preservação dos ecossistemas marinhos e costeiros, vitais para o futuro da nossa região. Investimos em projetos que não apenas buscam a sustentabilidade ambiental, mas também impulsionam o crescimento econômico e o bem-estar das nossas comunidades”, disse Sergio Díaz-Granados.

Entre os projetos impulsionados pelo CAF está um no México de cooperação técnica para promover a gestão integrada sustentável do sargaço no Grande Caribe, com o objetivo de mitigar seu impacto na região. A chegada massiva dessa alga está causando impactos ecológicos, econômicos e sociais nas comunidades costeiras e nos ecossistemas marinhos, afetando as indústrias pesqueiras e o turismo.

O objetivo dessa iniciativa é promover a cooperação regional e o intercâmbio de conhecimentos e experiências sobre a gestão integrada do sargaço no Grande Caribe, acompanhada de uma campanha de pesquisa no Grande Cinturão de Sargaço no Caribe, para diagnosticar a problemática, suas causas e

impactos, incluindo a análise potencial de mobilização de financiamento combinado, fundos verdes e outros instrumentos financeiros.

“Com esse projeto buscamos abordar o problema do sargaço de maneira integrada, contribuindo para gerar ações que ajudem a preservar os ecossistemas marinhos, o desenvolvimento turístico e pesqueiro, bem como uma melhoria substancial da qualidade de vida das populações do Caribe”, disse Alicia Montalvo.

O CAF também emitiu um título azul (Blue LAC Bond) de €100 milhões com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que atua como coordenador técnico, para apoiar o desenvolvimento costeiro sustentável e resiliente ao clima em toda a América Latina e o Caribe.

Serão financiados projetos azuis elegíveis, incluindo o desenvolvimento de infraestruturas de gestão sustentável da água em zonas costeiras que contribuam para a proteção dos ecossistemas marinhos próximos e melhorem a adaptação das comunidades locais. As localizações iniciais dos projetos incluem o Brasil, o Equador e outros países. 🌊



O CAF promove a gestão integrada e sustentável do sargaço no Grande Caribe, com o objetivo de mitigar seu impacto na região.

Acima: Os fenômenos marinhos na região podem contribuir para o desenvolvimento do turismo. Observação de baleias no Pacífico.

➔ Foto - Santiago Saldarriaga / CEET.



Primeiro Bono Sustentável do CAF tem colocação amplamente bem-sucedida

Investidores internacionais demonstraram a grande confiança que o banco inspira ao demandar 15 vezes o valor inicial. São €1,5 bilhão para acelerar a transição verde e o desenvolvimento social.

Com o objetivo de consolidar-se como o banco verde para o crescimento sustentável e inclusivo da região, o CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe– realizou a emissão de seu primeiro Bono Sustentável.

A operação, com prazo de 7 anos, despertou tanto interesse que gerou o maior livro de ordens da história do banco. A demanda superou 14,9 bilhões na moeda europeia, 15 vezes o valor inicial da emissão, que era de 1 bilhão.

Isso permitiu elevar o valor da emissão para 1,5 bilhão, igualando a maior colocação em euros já realizada pelo CAF. O banco recebeu os recursos dos investidores em troca de uma rentabilidade financeira ou cupom anual de 3,125%.

Com esse resultado, o CAF estabeleceu um novo marco em sua trajetória ascendente como mobilizador de capital para a América Latina e o Caribe. O presidente executivo da instituição multilateral, Sergio Díaz-Granados, destacou a confiança que os investidores internacionais demonstraram no CAF ao responderem a esta emissão destinada ao financiamento de projetos com benefícios ambientais ou sociais.

A confiança no CAF está sustentada nas classificações obtidas pela instituição: Aa3/AA/AA- (pos/estável/estável). Vale lembrar que, em maio passado, a agência classificadora Moody's Ratings melhorou a perspectiva da classificação de crédito de longo prazo do CAF de “estável” para “positiva” e a reafirmou em Aa3, reconhecendo assim os importantes avanços institucionais alcançados pelo banco nos últimos anos, em termos de capitalização, diversificação de sua base de acionistas e de ativos.

14.900

MILHÕES DE EUROS

FOI O VOLUME DA
DEMANDA PELO BÔNUS
DO CAF, 15 VEZES O VALOR
INICIAL DA EMISSÃO.

Entre 2022 e este ano, o número de países membros do CAF passou de 18 para 24. Além disso, o banco obteve um aumento significativo de capital, não apenas pela incorporação de novos membros, mas também pelos desembolsos correspondentes ao aumento de capital aprovado em 2022, no valor de US\$7 bilhões.

Isso tem facilitado sua atuação na captação de recursos para projetos da região. “Os recursos obtidos (com o Bono Sustentável) nos permitirão ampliar o financiamento competitivo para nossos países membros, acelerando a transição verde, a inclusão social e o desenvolvimento sustentável na região”, explicou Díaz-Granados.

A transação deste bono de referência, o quarto emitido pelo CAF em 2025, contou com os bancos BBVA, BNP Paribas, Crédit Agricole CIB, Deutsche Bank e Santander como coordenadores conjuntos da emissão.

O volume adjudicado por meio deste instrumento de dívida foi distribuído da seguinte forma: 41% entre gestores ativos; 39% entre bancos centrais e instituições oficiais; 13% entre bancos e banca privada; e os 7% restantes entre seguradoras e fundos de pensão.

Como era de se esperar, a alocação foi distribuída principalmente entre investidores europeus (71%), mas também houve uma colocação significativa entre investidores da Ásia-Pacífico (26%) e o restante foi para detentores do Oriente Médio (3%).

Terceiro marco

Os executivos do CAF destacaram que esta colocação representa o terceiro marco estratégico da instituição neste ano no âmbito das finanças sustentáveis. O primeiro foi a publicação, em fevereiro, do Marco de Finanças



Paisagem de Guainía, região colombiana na fronteira com o Brasil e a Venezuela, onde são necessários projetos econômicos sustentáveis, especialmente para as comunidades indígenas. → Foto - Gobernación de Guainía

Sustentáveis; o segundo, a emissão do primeiro Bono Azul, em junho.

O Marco de Finanças Sustentáveis do CAF descreve a estratégia integral da instituição para promover o desenvolvimento sustentável em seus países acionistas por meio de agendas estratégicas centradas na transição energética justa, na resiliência climática, na proteção da biodiversidade, nos territórios sustentáveis, no bem-estar social e no desenvolvimento de infraestruturas. Também deixa clara a adesão do banco aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

O documento do CAF segue os padrões reconhecidos internacionalmente pela Associação Internacional de Mercados de Capitais (ICMA), incluindo os princípios de bônus verdes,

sociais e de sustentabilidade, e incorpora, entre outras diretrizes, as Diretrizes de Finanças Azuis da Corporação Financeira Internacional (IFC).

Por outro lado, a emissão do Bono Azul foi realizada para financiar projetos que promovam a conservação dos oceanos e dos ecossistemas marinhos e, mais especificamente, apoiar o desenvolvimento costeiro sustentável e resiliente ao clima na região.

Na operação, que contou com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) como assessor técnico, foram arrecadados €100 milhões. A dívida tem prazo de 5 anos, com vencimento em 11 de junho de 2030, e um cupom anual de 2,975%. A totalidade do valor foi subscrita pelo BNP Paribas Cardif.

Neste ano, o CAF aprovou 5,2 bilhões de dólares em créditos para 16 operações em 10 países da região, voltadas para temas como ação climática e transição energética, e notificou a aprovação de 1,445 bilhão de dólares para financiar projetos estratégicos na Argentina, Brasil, Chile, El Salvador e Honduras. ❄



“Os recursos obtidos (com o Bono Sustentável) nos permitirão ampliar o financiamento competitivo para nossos países membros, acelerando a transição verde, a inclusão social e o desenvolvimento sustentável na região”.

Sergio Díaz-Granados
presidente executivo do CAF –
banco de desenvolvimento da
América Latina e Caribe.

FINANÇAS

Por Equipe editorial VD

@AgendaCAF



Banco Futuro LAC: investimento de boa qualidade em crianças e jovens

O CAF e a Unicef unem forças para impulsionar uma iniciativa que busca mobilizar cerca de US\$5 bilhões em cinco anos para projetos definidos com uma metodologia que os tornará mais bem focalizados e eficientes.

O investimento no desenvolvimento integral de crianças e jovens tem alta rentabilidade. O CAF buscará aumentá-lo significativamente.

→ Foto- Vanexa Romero / CEET

Dos 255 milhões de crianças, adolescentes e jovens (população de 0 a 24 anos) que há na América Latina e no Caribe (ALC), mais de 115 milhões –45%– vivem em situação de pobreza e enfrentam diferentes riscos que limitam seu desenvolvimento integral, podendo deixar muitos deles presos ao mesmo nível de vida precário que possivelmente viveram seus pais.

Essa realidade levou a diretoria do CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe– a considerar que investir nas novas gerações não é apenas “um imperativo ético”, mas uma “condição estratégica” para garantir o desenvolvimento sustentável e a competitividade da região. Há estudos que indicam que, para cada dólar investido na primeira infância, obtêm-se entre 4 e 16 em benefícios econômicos e sociais.

Por isso, o CAF vem ampliando suas apostas na área social. De fato, neste ano a carteira do setor passará a ser a segunda maior do banco, que tem buscado potencializar seu trabalho de mãos dadas com organizações especialistas em desenvolvimento humano. Com uma delas, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), concretizou uma aliança estratégica para impulsionar a iniciativa Banco Futuro LAC, com a qual pretende mobilizar, até 2030, cerca de US\$5 bilhões e beneficiar 50 milhões de crianças e jovens da região.

“Embora tenhamos boa experiência em áreas como educação e saúde e estejamos construindo uma carteira social muito importante na região, decidimos contar com o conhecimento da Unicef no trabalho que vamos realizar com os governos para que orientem adequadamente suas decisões relativas a essa população jovem”, explicou Pablo Bartol, gerente de Desenvolvimento Humano e Social do CAF.

Com o Banco Futuro LAC, o CAF se posiciona como o primeiro banco multilateral de desenvolvimento a adotar como norte o Marco de Investimento com Enfoque na Infância (CLIF, na sigla em inglês) estabelecido pela Unicef. “Vamos adotar como própria uma metodologia de análise de investimentos desenvolvida por um organismo internacional. O CAF vai utilizá-la para ajudar os governos a fazer os ajustes necessários para que esses investimentos estejam realmente centrados em crianças e jovens e, assim, alcancem um favorecimento maior”, acrescentou Bartol.

Em última instância, busca-se estabelecer um paradigma de investimento transformador que garanta prioridade ao bem-estar infantil desde a concepção até a execução dos projetos. “Na ALC, cerca de 60% dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável focados na infância não mostram avanços. Essas iniciativas fortalecerão o acesso a pilares essenciais dos quais dependem a saúde e o desenvolvimento de meninos

QUATRO OBJETIVOS

O Banco Futuro LAC mobilizará recursos financeiros e técnicos para projetos de qualidade centrados na infância e na juventude para:

- 1. Promover o desenvolvimento integral** da primeira infância (0 a 6 anos).
- 2. Melhorar o desenvolvimento de capacidades** fundamentais durante a infância (6 a 12).
- 3. Fortalecer as habilidades do século XXI** para adolescentes (12 a 18).
- 4. Facilitar a transição da educação** para o mercado de trabalho para jovens (19 a 24).

e meninas, incluindo o desenvolvimento na primeira infância, a educação e a proteção contra a violência e os danos, ao mesmo tempo em que romperão o círculo vicioso da pobreza”, afirmou Catherine Russell, diretora-executiva da Unicef, no lançamento do Banco Futuro LAC.

Primeiro título social

O CAF já tem na mesa projetos específicos em alguns países que podem integrar essa iniciativa. A título de exemplo, um deles é um projeto de in-

vestimento em água potável cujas áreas de priorização foram definidas em função de onde há maiores problemas de anemia e desnutrição crônica infantil associadas à má qualidade da água. “As crianças podem receber boa alimentação, mas, se depois bebem água contaminada, podem perder toda a nutrição adquirida. Por essa razão, o governo interessado se comprometeu a orientar os investimentos às áreas com mais problemas desse tipo”, explicou Bartol.

A saúde será prioridade na hora de definir os projetos beneficiados, mas também a educação, incluindo a relacionada à atividade produtiva dos países, que precisam recrutar talento bem formado para o trabalho.

Em janeiro será dado um passo-chave na busca de alavancagem. “Vamos lançar nosso primeiro título social, com condições privilegiadas, para chamar a atenção sobre a importância de investir nisso e atrair quem queira se identificar conosco”, explicou Bartol. Além disso, serão buscados recursos fora da região, na forma de doações que podem vir de fundações ou de fundos de investimento que privilegiam temas sociais.

Um objetivo importante é que os créditos solicitados para projetos focados na infância e na juventude tenham as condições mais favoráveis graças aos descontos sobre a taxa de juros que o CAF aplicará.

“Pode parecer que existam investimentos com mais glamour ou visibilidade porque se corta uma fita na inauguração e há mais aplausos, mas esse tipo de investimento é mais eficaz porque beneficia a criação do capital humano de que precisamos para nossos países. Podem ser feitas boas pontes, mas, se depois não houver gente capaz de criar algo melhor a partir disso, servirão de pouco”, concluiu Bartol. 🌟



Em meio à mais recente Assembleia da ONU, o CAF e a Unicef anunciaram a aliança para impulsionar o Banco Futuro LAC. ➔ Foto- CAF

LIDERANÇA

Por Equipe editorial VD

@AgendaCAF



O menino que criou um banco para ajudar outras crianças



José Adolfo Quisocala Condori está prestes a completar 21 anos. Dois terços de sua vida foram dedicados ao seu projeto financeiro e ecológico. → Foto - Arquivo pessoal

Tinha apenas 7 anos quando José Quisocala Condori idealizou um meio para incentivar outras crianças a poupar e reciclar em sua cidade natal de Arequipa, no Peru. A iniciativa foi premiada com o Prêmio Enrique García de Liderança, do CAF -banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe-.

José Quisocala não sonhava em ser banqueiro, apenas queria ajudar outras crianças, motivado por uma frase que seu pai lhe disse depois que ele expressou o desejo de não voltar mais à escola: “Você deveria ser mais agradecido, porque há muitas crianças que não podem estudar e estão trabalhando nas ruas”.

Aos 7 anos, José era um menino muito inquieto na escola. “Me repreendiam porque eu me distraía mui-



to e cheguei a pensar que a educação não era para mim.” Então, inspirado por Sherlock Holmes, seu ídolo, decidiu investigar por que havia tantas crianças trabalhando nas ruas de sua cidade, Arequipa (Peru), como forma de responder ao conselho de seu pai.

Houve uma história em particular que o comoveu. Um menino que trabalhava na rua Mercaderes lhe explicou que precisava trabalhar porque seu pai havia perdido o emprego, sua mãe não conseguia trabalhar e ele não permitiria que seus irmãos mais novos passassem pelas mesmas dificuldades que ele.

“Ele me contou que, quando ia à escola, os outros alunos zombavam dele por não ter material para estudar. E, ao chegar em casa, precisava dividir um prato de comida com os irmãos. Perguntei se algum adulto já havia feito algo por ele e ele disse que não. Então pensei que talvez uma criança, como eu, pudesse fazer alguma coisa.”

José então pegou seu cofrinho, encheu os bolsos de moedas e saiu para distribuí-las entre as crianças que encontrava na rua. Fez isso durante vários dias. No entanto, suas economias acabaram e seus pais disseram que não poderiam lhe dar mais dinheiro.

Lembrou então que, quando seu pai estava sem dinheiro, ia ao banco para sacar, e, em sua ingenuidade, pensou que os bancos eram lugares mágicos que davam dinheiro a quem pedisse. Começou a procurar se havia algum banco para crianças.

“Não existia nenhum, e eu disse: ‘Vou criar um.’” De fato, essa foi sua proposta quando decidiu concorrer como representante estudantil de sua escola. “Ganhei a eleição e percebi o problema em que tinha me metido, porque os bancos não eram mágicos.”

Mas ele não desistiu do projeto. Depois, teve uma ideia que, 13 anos depois, já lhe rendeu mais de 20 prêmios internacionais e 15 nacionais:

Os jovens levam os resíduos sólidos recicláveis até os pontos de coleta.

Lá, o material é pesado e o valor correspondente é creditado na conta de cada um. → Foto - Arquivo pessoal

criar um banco onde a moeda são os resíduos sólidos recicláveis e cujo único objetivo é incluir crianças e jovens na vida financeira, ensinando-os a poupar enquanto cuidam do meio ambiente. O nome do projeto é Eco Banco do Estudante Bartselana.

O prêmio mais recente foi concedido pelo CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe– na segunda edição do Prêmio Enrique García de Liderança, que reconhece iniciativas inovadoras com impacto social e ambiental na região.

“Muitas vezes ganhei prêmios e por aí ficou, mas com o CAF é diferente. Lembro muito bem das palavras de Nathalie Gerbasi, diretora de Desenvolvimento Institucional e Capacitação do CAF, na entrega do

AS DUAS EDIÇÕES DE UM PRÊMIO PARA JOVENS LÍDERES

CAF criou, em 2022, o **Prêmio Enrique García de Liderança**, em homenagem a quem presidiu a instituição por 25 anos. O prêmio tem como objetivo reconhecer lideranças de jovens entre 18 e 30 anos de um dos países acionistas do CAF. Por meio dessa iniciativa, o banco busca apoiar projetos, ações e atividades que promovam mudan-

ças positivas em suas comunidades e ambientes. Na primeira edição, realizada em 2023, a temática foi iniciativas com impacto positivo sobre os serviços ecossistêmicos e a biodiversidade. Entre os 24 jovens candidatos, a vencedora foi Ângela Ortiz, do Equador, fundadora da Micelium Pop, um empreendimen-

to voltado à produção de cogumelos comestíveis. Ashley Lashley, de Barbados, recebeu menção especial por sua fundação, The Ashley Lashley Foundation, criada para conscientizar sobre questões sociais, ambientais e de saúde global. Este ano, a segunda edição teve como tema a liderança por meio do empreendedorismo social,

com o uso de estratégias empresariais para gerar impacto positivo na sociedade e no meio ambiente. Foram recebidas 30 candidaturas de 12 países e o vencedor foi José Adolfo Quisocala, do Peru. Além disso, dois jovens receberam menções especiais: Nicholas Kee, da Jamaica, e Kerri-Ann Bovell, de Barbados.



Nicholas Kee (esq.), da Jamaica, que recebeu menção honrosa; Sergio Díaz-Granados, presidente do CAF; José Quisocala; Enrique García, ex-presidente do CAF; e Kerry-Ann Bovell, que também recebeu menção honrosa. → Foto - CAF

prêmio: ‘Uma vez CAF, para sempre CAF’. E tem sido assim, me incluíram em outros eventos e projetos.”

Não era uma brincadeira de criança

José lembra que, no início, quando falava sobre seu projeto, muitos adultos viam aquilo apenas como a brincadeira de uma criança, mas para ele nunca foi assim. Trata-se de um projeto de vida, uma missão que se transformou em uma empresa so-

cial que hoje beneficia mais de 17.000 clientes em Arequipa e recolhe 60 toneladas de resíduos sólidos por mês para reciclá-los corretamente.

Atualmente, o banco oferece produtos financeiros como um cartão Visa, com o qual os clientes podem fazer compras em estabelecimentos comerciais e usar caixas eletrônicos, além de um aplicativo que permite realizar operações com outros bancos. José está trabalhando para con-

cretizar os chamados “Ecocaixas”, nos quais os usuários poderão depositar suas garrafas plásticas e o peso do material será imediatamente convertido em dinheiro em suas contas.

“Mesmo pessoas que não são clientes poderão colocar garrafas e destinar esse dinheiro para apoiar iniciativas sociais de crianças e jovens.”

Um dia, José começou a trabalhar para que outras crianças deixassem de fazê-lo, como um dia lhe disseram. “Deixei minha vida de criança de lado, troquei os brinquedos por livros, finanças, capacitações, palestras e viagens. Mas não me arrependo: meu projeto é como meu primeiro filho, assim posso apoiar famílias e crianças, e isso me encanta.”

Graças ao banco, afirmou José, muitas famílias conseguiram gerar renda durante a pandemia. “Também tem servido como uma ferramenta para que as crianças pensem em poupar para o futuro. Quando muitos perdem a esperança, nós mostramos que é possível seguir em frente por meio da poupança.”

Os usuários podem fazer uma poupança móvel, para ter dinheiro disponível no cartão, ou participar do Plano de poupança por um sonho, no qual precisam atingir uma meta. “A primeira sempre é um livro; a segunda, uma peça de roupa; e a terceira, um produto eletrônico. A partir da quarta meta, a escolha é livre, mas sempre deve ser algo maior. Já temos pessoas que estão poupando para a universidade, para comprar um carro ou um apartamento. Poupar abre a mente de que é possível e tudo depende deles.”

Qualquer criança, adolescente ou jovem pode acessar os serviços do banco. O único requisito é fazer uma capacitação gratuita e obrigatória sobre educação financeira e ambiental. “Não podemos pedir que reciclem se não tiverem uma cultura de reciclagem nem souberem por que isso é importante e como contribui com o meio ambiente.”

Os usuários podem levar plástico, papel, papelão, latas, embalagens Te-

tra Pak e, em breve, vidro. “Pesamos o material, fazemos sua valorização e creditamos o dinheiro no cartão. Depois vendemos o que foi comprado para empresas recicladoras.”

Hoje, José tem um sonho ainda maior: expandir seu banco. “É um projeto muito bonito que eu gostaria de replicar em outros países, mas primeiro em todo o Peru. O que precisamos para crescer são crianças e má gestão dos resíduos sólidos, e isso existe em todo lugar. Já recebi propostas para replicá-lo no México, na Colômbia e no Equador, mas precisamos de capital para expandir.”

Para ele, o futuro está na banca social. “Precisamos pensar mais nos nossos clientes como seres humanos, como famílias com histórias. Eles são mais do que números. Essa é a diferença.”

Ele também quer cursar uma universidade, mas não algo relacionado às finanças. Seu foco é o social, ajudar os outros. Entre suas metas de curto prazo está estudar Comunicação Social em algum país da Europa. “A paixão não muda. Minha paixão não era criar um banco. Era, e continua sendo, ajudar as pessoas. O banco foi um meio para isso, mas podem existir outros caminhos para alcançar esse objetivo.”

17.000

**CLIENTES RECEBEM
HOJE, EM AREQUIPA, OS
BENEFÍCIOS DO ECO BANCO
LIDERADO POR QUISOCALA.
SÃO COLETADAS 60
TONELADAS DE RESÍDUOS
SÓLIDOS POR MÊS PARA
RECICLAGEM ADEQUADA.**



NICHOLAS E SUA AGRICULTURA REGENERATIVA NO MAR

Nicholas Kee, de 30 anos, é um empresário e ativista jamaicano focado na aquicultura – criação controlada de organismos aquáticos (peixes, mariscos, moluscos e plantas) – para restaurar ecossistemas marinhos.

Por meio da Kee Farms, criada em 2020, ele desenvolve modelos inovadores de agricultura regenerativa no mar. Também opera uma organização sem fins lucrativos, a Kee Farms Foundation, voltada à adaptação de práticas agrícolas regenerativas, à educação pública e à promoção da justiça ambiental.

Seu enfoque inclui o cultivo de algas e ostras para captura de carbono, a coleta de sargaço para produção de itens sustentáveis, o desenvolvimento de produtos derivados de algas e a integração de dados sobre biodiversidade em modelos climáticos.



KERRI TRANSFORMA O SARGAÇO E OS RESÍDUOS AGRÍCOLAS

Kerri-Ann Bovell, de 27 anos e natural de Barbados, fundou a EcoMyco em 2019 com o objetivo de enfrentar dois problemas importantes: a poluição causada pelo sargaço e pelos resíduos biológicos, e a crise dos plásticos no Caribe.

Na EcoMyco, o sargaço e os resíduos agrícolas, como cascas de mandioca, são transformados em dois tipos de materiais biodegradáveis, que podem ser utilizados nas indústrias agrícola, cosmética e de móveis.

Atualmente, a EcoMyco está gerando receitas e contribuindo para a economia em divisas ao reduzir o uso de fertilizantes.



Com as mulheres, EM BUSCA DE IGUALDADE E AUTONOMIA

A violência de gênero e a gravidez na adolescência drenam até 6,5% do PIB em alguns países da América Latina e do Caribe, condenando milhões ao ciclo da pobreza. A região precisa transformar essa fatura bilionária em um investimento na autonomia econômica, física e política das mulheres.



Apesar dos avanços, as mulheres ainda recebem, em muitos contextos, salários mais baixos que os homens por trabalhos equivalentes.

→ Foto - Mauricio Moreno / CEET

Depois de 46 anos do primeiro acordo mundial (1979) para eliminar todas as formas de discriminação contra a mulher, em uma convenção ratificada por 189 países em 1981, muitos avanços foram alcançados, mas ainda persistem desafios relacionados a problemas estruturais.

O caminho tem sido complexo. Passaram-se 15 anos até que a América Latina e o Caribe (ALC) se comprometessem a prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, com a assinatura da Convenção Interamericana de Belém do Pará, em 1994. Hoje, 31 anos depois, 14 dos 25 países com os índices mais altos de violência baseada em gênero fazem parte da região. Em 2023, a Cepal registrou 11 mulheres assassinadas por dia na região por razões de gênero.

Atualmente, a ALC é a segunda região mais desigual do mundo, com uma feminização da pobreza agravada nas áreas rurais, onde mais de 50% das mulheres enfrentam pobreza multidimensional, ou seja, falta ou ausência de acesso à educação, saúde, moradia, trabalho e serviços básicos.

Na raiz dessa realidade, a violência de gênero desempenha um papel central, junto com outro problema estrutural: a gravidez na adolescência. A ALC também é a segunda região do mundo com a taxa mais alta desse fenômeno. A cada ano, 1,6 milhão de adolescentes dão à luz na região, segundo dados oficiais do Escritório Regional do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) para a América Latina e o Caribe.

Por trás de cada número há uma história de vida interrompida, que impõe custos às mulheres, ao Estado e à sociedade. Por exemplo, as gestações na adolescência geram perdas de 15,3 bilhões de dólares anuais, e 88,2% dessa carga financeira recai sobre as jovens, que abandonam a escola, renunciam a um futuro profissional e ficam presas em um ciclo de pobreza, desigualdade e exclusão sem retorno, um ciclo que quase sempre se repete nas gerações seguintes.

“São necessárias mudanças rápidas e eficazes, com um olhar concreto de igualdade, e um real entendimento da dimensão do que custa, para a sociedade, sustentar a violência contra as mulheres e seus filhos”, alerta María Guadalupe Aguirre, diretora de Gênero da Gerência de Gênero, Inclusão e Diversidade do CAF –banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe–.

25%

DAS MULHERES DA REGIÃO NÃO TÊM RENDA PRÓPRIA, EM COMPARAÇÃO COM 10% DOS HOMENS NESTA MESMA CONDIÇÃO, SEGUNDO A CEPAL.



INVESTIGANDO E DANDO VISIBILIDADE

O CAF está apoiando, acompanhando e liderando trabalhos de pesquisa e consolidação de dados que deem visibilidade aos problemas enfrentados pelas mulheres na América Latina e no Caribe (ALC), uma região extremamente diversa, mas que compartilha desafios semelhantes.

Por exemplo, na Argentina está sendo feito um trabalho para identificar o custo produtivo da violência de gênero em termos de absenteísmo, demissões, baixa produtividade e outros fatores, buscando ir além da estimativa de quanto esse problema custa ao Estado.

Também se pretende quantificar a lacuna existente no que diz respeito às mulheres afrodescendentes e indígenas da região: o que enfrentam, onde estão, o que fazem e quais são as desigualdades, pois há diferenças que ainda não foram medidas.

O CAF também apoia ações concretas. Na República Dominicana, o apoio é direcionado à ampliação dos centros de atenção integral à mulher, que seguem um modelo no qual todos os serviços, de saúde, assistência jurídica, apoio psicológico e atendimento a casos de violência, estão reunidos em um só local. “Ali as mulheres podem realizar exames de saúde, buscar orientações sobre questões relacionadas à violência e conhecer temas de interesse ligados à autonomia econômica, com forte ênfase na empregabilidade.”

No Panamá, em parceria com o PNUD, foi desenvolvido um programa de “Diálogos sobre governança e gênero”; no Chile, há uma cooperação voltada às mulheres na gestão pública, com foco em igualdade e perspectiva de gênero.

Um tema pouco conhecido, segundo o CAF, é a existência de uma violência política sistemática, completamente invisibilizada, enfrentada pelas mulheres. “Não vem apenas dos adversários ou de outras candidatas nas eleições; vem de seus próprios partidos políticos. São os próprios colegas de partido que praticam violência política contra as mulheres: não as deixam avançar, não lhes dão a palavra, não as convidam”, afirma Aguirre.

A questão é que as desigualdades enfrentadas pelas mulheres geram condições propícias à violência de gênero, que se converte em um contínuo de situações com efeitos multidimensionais sobre a saúde física, sexual e mental, o emprego e a economia, a educação e a família.

Mas o impacto da violência doméstica, especialmente a que provém de parceiros e ex-parceiros, ainda não é medido em todas as suas dimensões, e cada país da região conta histórias parciais, dependendo das informações disponíveis e da abordagem adotada.

Por exemplo, o CAF analisou estudos desde 2014 e encontrou casos como o da Jamaica, que em 2023 estimou em US\$1,0bilhão anuais, equivalentes a 6,5% do PIB, o custo da violência doméstica. Em 2020, no Equador, um estudo calculou esse custo em US\$4,608bilhões, equivalentes a 4,28% do PIB. Já em 2014, um estudo no Peru apontou que o país perdia 70milhões de jornadas de trabalho devido à violência contra as mulheres, com uma perda anual superior a US\$6,700bilhões.

A maioria dos estudos foca nos custos para o Estado, mas não há dados abrangentes na região sobre o impacto para as mulheres, as empresas e a sociedade, como comprovou o CAF em uma pesquisa que busca definir uma metodologia que permita medir o custo real da violência doméstica contra a mulher, especialmente a exercida por parceiros e ex-parceiros.

“Trata-se de decompor os custos e entender quais recaem sobre a vítima, quais sobre o Estado e quais sobre as empresas. Compreender e quantificar esses custos também pode contribuir para organizar a forma como o tema é abordado e acompanhar os avanços em diferentes frentes”, explica Aguirre.

Por isso, além de incluir a perspectiva de gênero em todas as operações de crédito e apoios técnicos aos países, o CAF vem fortalecendo seu

Eixos transversais

► **Autonomia econômica.** Ações que facilitam o acesso das mulheres aos recursos financeiros, aos serviços básicos e de desenvolvimento produtivo, às oportunidades de trabalho de qualidade, ao desenvolvimento de sistemas de cuidado e à sua participação em estratégias de mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

► **Autonomia física.** Trabalha-se pelo fortalecimento da capacidade dos países no combate à violência de gênero, na erradicação do feminicídio e da gravidez na adolescência.

► **Autonomia na tomada de decisões.** Para promover as capacidades, habilidades e competências para a liderança das mulheres e sua participação em espaços de tomada de decisão.

Ações prioritárias

► **Acompanhamento** na definição e implementação das políticas de gênero dos países membros, fortalecendo as capacidades estatais e mantendo um diálogo fluido com as autoridades responsáveis pela área.

► **Transversalização** para garantir que a perspectiva de gênero esteja presente nas operações e nas áreas de atuação externa do CAF, por meio do fortalecimento das equipes de estruturação e gestão de projetos.

► **Alianças** e espaços de diálogo para uma melhor resposta aos desafios de gênero.

► **Comunicação** y livre de sexismo, que socialize os avanços na promoção da igualdade de gênero nos países acionistas e a respectiva contribuição do CAF.



“São necessárias mudanças rápidas e eficazes, com um olhar concreto de igualdade, e compreender a real dimensão do que nos custa, como sociedade, sustentar a violência contra as mulheres e seus filhos.”

trabalho de pesquisa para gerar conhecimento específico, divulgar dados que permanecem invisibilizados e atuar levando em conta a diversidade das mulheres.

“Trabalhamos com uma perspectiva interseccional, porque as mulheres não somos homogêneas, não somos todas iguais nem enfrentamos os mesmos problemas, discriminações ou desigualdades. Não é a mesma coisa trabalhar com uma mulher branca urbana e com uma mulher indígena, migrante ou negra”, ressalta Aguirre.

A busca por autonomia

Na agenda do CAF, a violência de gênero e a gravidez na adolescência são temas prioritários. Por isso, ao mesmo tempo em que avança na definição de uma metodologia para medir o impacto global da violência, o banco já apoia a região com ações de educação e inclusão financeira voltadas às mulheres.

“Na autonomia econômica, temos lacunas enormes na inclusão



das mulheres no mercado de trabalho, na geração e no controle de renda própria, no empreendedorismo e no apoio a mulheres empresárias, áreas em que estamos atuando”, afirma María Guadalupe Aguirre.

Dados da CEPAL evidenciam essas lacunas: 25% das mulheres da região não têm renda própria, em comparação com 10% dos homens nessa condição; 21% das mulheres entre 20 e 24 anos casaram-se ou uniram-se antes dos 18 anos na ALC; e apenas 35% das cadeiras das câmaras baixas dos parlamentos nacionais são ocupadas por mulheres.

Para o CAF, é fundamental aprofundar as ações que promovam a autonomia na tomada de decisões, fechando assim uma lacuna que marginaliza as mulheres dos espaços onde são tomadas as decisões-chave da sociedade. É o caso das prefeituras e câmaras municipais da região, no nível local, onde apenas 15% dos cargos são liderados por mulheres. A ideia é que possam participar de maneira substantiva, real e com voz.

Com base nessa realidade, o banco colocou em prática uma estratégia de ação que contempla três eixos transversais de autonomia, econômica, física e de tomada de decisões, e quatro ações prioritárias: acompanhamento, transversalização, alianças e comunicação livre de sexismo.

Trata-se de uma mudança de paradigma que inclui, ainda, dar visibilidade a histórias, dados e temas-chave para as mulheres. “Assim, geramos conhecimento específico sobre diferentes grupos populacionais de mulheres, para entender melhor como sermos mais eficazes. E, por fim, participamos de espaços de incidência com nossa agenda e em aliança com outros organismos, em todas as frentes”, conclui Aguirre. 🌸

As desigualdades enfrentadas pelas mulheres criam condições propícias para a violência de gênero, que é uma causa constante de mobilização.

➔ Foto - Milton Díaz / CEET

MENTORAS PARA NOVAS LÍDERES

Em junho, teve início a terceira edição de um programa desenvolvido pelo CAF no Paraguai, em parceria com o Ministério da Economia e Finanças e o Gabinete da Primeira-Dama, com o objetivo de oferecer ferramentas, redes e conhecimento para que mais mulheres possam acessar e permanecer em cargos estratégicos do Estado. O programa conta com o acompanhamento e a mentoria de mulheres com ampla trajetória em cargos de decisão, que orientam funcionárias públicas entre 25 e 35 anos pertencentes a órgãos centralizados do Paraguai. Cada participante é pareada com uma mentora, com quem mantém um processo de aconselhamento, orientação e feedback personalizado ao longo de várias semanas. As mentorias são estruturadas em sessões flexíveis, presenciais ou virtuais, que abordam temas como desafios profissionais, tomada de decisões, liderança com perspectiva de gênero e projeção de carreira. Desde junho, 30 novas duplas participam do programa.

CULTURA

Por Equipe editorial VD

@AgendaCAF



Macondo tem crianças que lhe escrevam

O concurso do CAF e da Fundação Gabo, que aborda por meio de relatos a realidade das crianças da Ibero-América e do Caribe, reuniu em antologias ilustradas os 40 textos vencedores de suas duas primeiras edições e acaba de lançar a terceira.

Com sua pena, Gabriel García Márquez colocou no mapa da imaginação o nome de um povoado de eco universal. O escritor colombiano dizia que Macondo não era um lugar, e sim “um estado de espírito que permite a alguém ver o que quer ver e vê-lo como quer”.

Mais de seis décadas após as primeiras linhas escritas sobre Macondo, a possibilidade de ver o que se quer e como se quer permanece intacta. É o que mostram os relatos de meninas e meninos entre 10 e 13 anos que atenderam ao chamado das duas primeiras edições de *Macondo sim tem quem lhe escreva*, concurso organizado pela Fundação Gabo e pelo CAF –banco de desenvolvimento da América Latina

} Em Aracataca, tudo remete a García Márquez. Esta escultura do escritor deixou uma lembrança especial. → Foto - CAF



Nas duas edições, as crianças selecionadas visitaram a cidade natal de Gabo. Aqui, na antiga estação ferroviária. → Foto - CAF



e Caribe—, com o objetivo não apenas de promover a leitura e a escrita, mas também de estimular o pensamento crítico e as vocações precoces na Ibero-América e no Caribe.

Alejandra Claros, secretária-geral do CAF, explicou que essa iniciativa é, de certo modo, uma resposta a uma realidade preocupante: quatro em cada cinco crianças na região não compreendem o que leem. Segundo um relatório do Banco Mundial, 70% das crianças em países de baixa e média renda não conseguem ler e compreender um texto simples. No caso da América Latina e do Caribe, esse número chega a 80%.

Entre as causas do problema estão a significativa disparidade no acesso a livros e materiais de leitura entre áreas urbanas e rurais, bem como entre os diferentes níveis socioeconômicos. Além disso, o investimento em infraestrutura educacional, incluindo bibliotecas e recursos didáticos, continua sendo insuficiente em muitos países da região.

“Os jovens que estão entrando na universidade têm sérios problemas de compreensão de leitura, e o que buscamos com o concurso é fomentar essa habilidade, além da criatividade, nas crianças. A leitura e a escrita ajudam muito no desenvolvimento do pensamento crítico desde cedo”, afirmou Claros.

Heróis e identidade

A primeira edição do concurso, lançada em 2023, teve como tema *Nossos heróis e heroínas*. Os participantes escreveram textos destacando a coragem e as contribuições de pessoas que deixaram uma marca significativa em suas comunidades. Participaram crianças e jovens de 21 países, com um total de 2.005 relatos enviados. Após um processo de três etapas, em março de

2024, o júri formado por Juan Villoro (México), Yolanda Reyes (Colômbia) e Fernando Vicario (Espanha) selecionou 20 textos vencedores, sendo cinco do México, quatro da Argentina, três da Espanha, três da Colômbia, dois da Venezuela e um do Equador, de El Salvador e da República Dominicana.

Como parte do prêmio, seus autores viajaram a Cartagena das Índias para participar de uma experiência inesquecível: um percurso pelo Caribe colombiano, seguindo os passos da vida e obra de García Márquez: Cartagena, Barranquilla, Santa Marta e até sua cidade natal, Aracataca, onde germinou a semente de Macondo.

Frida Hernández Martínez, de 11 anos, por exemplo, escreveu “*Mexicana entre as estrelas*”, um texto com o qual homenageou Katya Echazarreta, a primeira mulher nascida no México a viajar ao espaço. O relato deu a Frida a oportunidade de voar de avião pela primeira vez, desde Tlaxcala até o Caribe colombiano.

Bautista Anzorena, um menino argentino de 11 anos, escreveu sobre o que há de “supermegafantástico” no “país dos alfajores” e sobre as primeiras lendas do futebol feminino. E em “Herói de capa branca”, Angelina Marrugo, também de 11 anos, narrou a experiência de um médico comum durante os tempos da covid-19 em Cartagena.

Os textos escolhidos foram reunidos em uma antologia literária, acompanhados por ilustrações criadas com base nas histórias de dez artistas ibero-americanos. A antologia é distribuída de forma livre e gratuita pela Fundação Gabo e pelo CAF.

Na segunda edição, o tema foi *Nossa identidade e o orgulho de quem somos*, com o qual se buscou destacar e promover a identidade e a cultura dos povos da Ibero-América e do Caribe. Foram recebidas 2.021 inscrições completas de 19 países da região, sendo mais da metade de meninas. Os relatos dos 20 novos vencedores também integram uma antologia ilustrada.

Ler esses textos é uma oportunidade para conhecer mundos infantis muito diversos, ressaltou Claros. “A natureza do concurso reflete a realidade de cada uma das crianças da América Latina e do Caribe. Os relatos mostram como veem o seu entorno e como se reconhecem nele, o que enxergam desde tão tenra idade”.

Nota: As pessoas interessadas em participar da terceira edição de *Macondo sim tem quem lhe escreva* podem acessar o seguinte site para consultar as bases do concurso e enviar perguntas. As inscrições estarão abertas até 28 de novembro de 2025: [//especiales.fundaciongabo.org/concurso-de-relatos-macondo-si-tiene-quien-le-escriba-2025/](https://especiales.fundaciongabo.org/concurso-de-relatos-macondo-si-tiene-quien-le-escriba-2025/) 🌐

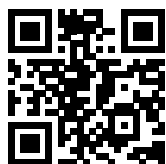
LIVROS

Por Equipe editorial VD

@AgendaCAF



Publicações



Nesta seção, são apresentadas tanto obras editadas integralmente pelo CAF quanto publicações realizadas em colaboração com diversas instituições ou especialistas. Acima, o código de acesso.



Título: Infraestrutura no desenvolvimento da América Latina e do Caribe. As passagens fronteiriças terrestres como espaços de integração regional e desenvolvimento.

Autor: Direção de Análise Setorial
- Gerência de Conhecimento
- CAF - banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe-.



PASSOS DE FRONTEIRA: NÓS ESTRATÉGICOS

O relatório analisa como as passagens fronteiriças terrestres da América Latina e do Caribe (ALC) são nós estratégicos para a integração regional e o desenvolvimento, apresentando três dinâmicas principais: comércio de mercadorias, mobilidade de pessoas e conformação de zonas urbanas fronteiriças.

As passagens são essenciais para o comércio intrarregional: na América do Sul, quase metade ocorre por via terrestre. No entanto, os trâmites aduaneiros, a falta de infraestrutura e a heterogeneidade regulatória geram atrasos e altos custos logísticos. Esses pontos também viabilizam fluxos cotidianos de pessoas por motivos de trabalho, estudo, abastecimento, migração ou turismo. Essas mobilidades têm aumentado, mas exigem controles eficientes, serviços adequados e coordenação institucional para que sejam seguras e dignas.

Nas zonas urbanas de fronteira costuma-se desenvolver

economias locais de serviços, comércio e logística. Embora dinamizem o desenvolvimento, enfrentam problemas de informalidade, desigualdade e economias ilegais. O planejamento territorial e a cooperação binacional são fundamentais para aproveitar seu potencial.

O relatório conclui que essas zonas devem ser concebidas como nós de integração produtiva e social. Recomenda-se fortalecer a infraestrutura física e digital, melhorar a coordenação institucional e promover seu desenvolvimento sustentável.

50%

**DO COMÉRCIO
INTRARREGIONAL
NA AMÉRICA DO
SUL OCORRE POR
VIA TERRESTRE.**



RECURSOS OCEÂNICOS

Título: *Estrategia de Economía Azul Sustentável.*

Autores: Nearco Colombia, Diego Beamonte, Ángel Colomina, Lina Echeverri, Eunice Nández, Armando Rosero.

A Estratégia de Economia Azul Sustentável do CAF -banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe- propõe uma rota de ação para que a região se torne líder no uso sustentável do oceano como motor de desenvolvimento, resiliência climática e bem-estar humano. Reconhece que a América Latina e o Caribe têm uma posição estratégica, mas enfrentam desafios estruturais como a degradação dos ecossistemas, a fragmentação institucional e a falta de investimentos nas cadeias produtivas marinho-costeiras.

A proposta tem horizonte até 2030 e integra inovação, conhecimento e financiamento. O CAF -banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe- duplicou seu compromisso financeiro, destinando US\$ 2,5 bilhões até 2030. Os objetivos se organizam em cinco eixos: restauração de ecossistemas críticos, fomento a energias renováveis oceânicas, pesca e aquicultura sustentáveis para melhorar a segurança alimentar, promoção do emprego e da inovação em comunidades costeiras e fortalecimento da resiliência frente à mudança climática.

O documento enfatiza que o oceano deve ser entendido não apenas como um recurso, mas como um espaço de vida, inovação e justiça. A estratégia convida todos os atores envolvidos a construir uma agenda azul compartilhada.

ENFOQUE INTEGRAL PARA O CAMPO

Título: *Prosperidade Agropecuária*

Autores: CAF -banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe-.

A América Latina e o Caribe produzem alimentos para mais de 1,3 bilhão de pessoas e são os principais exportadores líquidos mundiais, mas enfrentam grandes desafios: impactos da mudança climática, desigualdade rural, falta de investimentos em infraestrutura, pressão sobre os ecossistemas e dificuldades de acesso aos mercados. A região tem potencial para se posicionar como fonte de soluções para os desafios alimentares e ambientais globais, para o que será necessário promover uma produção agropecuária sustentável, resiliente e regenerativa.

A estratégia de Prosperidade Agropecuária do CAF propõe uma abordagem integral que combine a preservação dos ecossistemas com a inovação produtiva e o bem-estar rural. Seus eixos são: (i) prosperidade e desenvolvimento rural, (ii) segurança alimentar e nutricional, (iii) produção sustentável e regenerativa, (iv) infraestrutura habilitadora, (v) integração regional e mercados, (vi) investimento privado e serviços financeiros, (vii) financiamento sustentável e inovador, e (viii) fortalecimento institucional e de políticas públicas.

O CAF -banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe- mobilizará financiamento, assistência técnica e geração de conhecimento, em parceria com organismos internacionais e atores locais. Estão estabelecidas metas para 2026 e 2030, com investimentos de até US\$8,5 bilhões.

UM BANCO MAIS VERDE

Título: *Relatório de Sustentabilidade 2024.*

Autores: CAF -banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe-

Em 2024, o CAF -banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe- consolidou seu papel como o banco verde e de desenvolvimento sustentável e inclusivo da região. Dos recursos financiados, 41% foram destinados a projetos verdes, superando com dois anos de antecedência a meta prevista para 2026. Ao todo, foram mobilizados mais de US\$15,7 bilhões para iniciativas que fortalecem a equidade, a produtividade e a resiliência regional.

Entre as principais ações de gestão, destacam-se o apoio a projetos de transição energética, segurança hídrica, saúde, educação e infraestrutura sustentável, todos alinhados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Além disso, o CAF levou a voz da região a fóruns internacionais como a COP16 e a COP29, reafirmando seu compromisso com a agenda climática e de biodiversidade.

Mais de 7 milhões de pessoas foram beneficiadas por programas sociais, de nutrição e de inclusão. Também foram fortalecidos projetos de desenvolvimento territorial, soluções baseadas na natureza com foco em comunidades vulneráveis, e integração regional por meio de iniciativas de conectividade e cadeias produtivas resilientes. O relatório reflete uma década de avanços sustentados do CAF. 🌱

ENTREVISTA

com André Corrêa do Lago

Por Ricardo Ávila

Diretor de Visões do Desenvolvimento



**“A América Latina e
Caribe é uma coleção
de soluções climáticas
que precisam ser
aproveitadas”**



André Corrêa do Lago tem sido o principal negociador do Brasil em diversos eventos climáticos internacionais. → Foto - COP30



André Corrêa do Lago, presidente da COP30 de Belém do Pará, no Brasil, fala sobre as expectativas em relação a esta cúpula global, onde serão debatidos os resultados do Acordo de Paris, que completa 10 anos.



liderança da trigésima Conferência das Partes sobre mudança climática (COP30) está nas mãos do eco-

nomista e negociador brasileiro especializado em questões ambientais, André Aranha Corrêa do Lago, que tem uma longa trajetória como diplomata e como chefe de negociação de seu país em diversos eventos climáticos.

Corrêa do Lago, um defensor convicto do multilateralismo, espera que a cúpula de novembro na amazônica Belém do Pará mostre ao mundo os avanços obtidos com o Acordo de Paris, assinado há 10 anos, e sirva para começar a corrigir falhas como o baixo acesso a recursos em condições favoráveis para que os países em desenvolvimento possam enfrentar a mudança climática.

Outra de suas expectativas é que, a partir desta COP, se gere maior consciência de que todas as respostas necessárias frente à mudança



“Vemos um enorme progresso em países que ajustaram sua economia para combater as mudanças climáticas, mas isso não tem sido realidade para a maioria dos países em desenvolvimento, porque o financiamento para que eles enfrentem a crise climática continua muito caro.”



climática estão relacionadas à economia, que deve “dar lógica ao que chamamos de transição justa”, afirma.

Além disso, ele considera que a América Latina e o Caribe (ALC) têm muito a contribuir nesse esforço, pois são, por si só, “uma coleção de soluções climáticas que precisam ser muito bem aproveitadas” e chegariam a uma nova economia, que leve em conta o fator climático, “em melhor posição do que praticamente o resto do planeta”.

Quais são suas expectativas em relação a essa cúpula em seu país, que pode ser considerada histórica?

É necessário mostrar resultados em vários níveis, porque as COPs criam grandes expectativas nos Estados, no setor privado, na sociedade civil, nos governos subnacionais etc. Hoje há muitos atores envolvidos na negociação e na implementação. A COP tem um forte impacto nas sociedades e desperta grande interesse em setores muito diversos. Então, esperamos mostrar a eles, e ao mundo, o que foi alcançado ao longo das COPs, sobretudo desde o Acordo de Paris, que completa dez anos.

Outro aspecto das expectativas está na conscientização de que todas as respostas que precisamos diante da mudança climática estão relacionadas à economia. Ela vai dar lógica ao que chamamos de transição justa e estimular o desenvolvimento de tecnologias. Esperamos mostrar que um projeto que leve em consideração a mudança climática pode contribuir para o desenvolvimento, o crescimento e a geração de empregos.

Quais avanços e retrocessos o senhor identifica nesses últimos anos, especialmente nos últimos dez, desde o Acordo de Paris?

Quando estávamos negociando esse acordo, a ciência estimava que ultrapassaríamos os 4 graus de aquecimento global. Com os avanços dos últimos anos, hoje estamos em 2,7 graus. Agora estamos aguar-

dando as novas NDCs (Contribuições Nacionalmente Determinadas, na sigla em inglês, compromissos de cada país) para ver se esse valor diminui. Gostaríamos que diminuísse muito mais ou, pelo menos, que se aproxime da lacuna entre o valor atual e a meta de 1,5 grau. O Acordo de Paris tem funcionado porque reduziu muito a expectativa de aumento da temperatura.

E onde estão os retrocessos?

O problema é que essas mudanças não chegaram a tantos países quanto deveriam. Vemos um enorme progresso em países que ajustaram sua economia para enfrentar a mudança climática, mas isso não é uma realidade para a maioria dos países em desenvolvimento, porque o financiamento para que eles enfrentem a mudança climática continua muito caro.

Falta que os países ricos apótem mais recursos?

Claramente, existe um problema de recursos financeiros dos países ricos para os países em desenvolvimento, principalmente para aqueles que não têm acesso a capital em condições atrativas. Há países que precisam de ajuda internacional, mas também é importante lembrar que muitos de renda média, como Brasil, Argentina, Índia ou Indonésia, poderiam fazer muito mais se tivessem acesso a recursos. Eles já fizeram muito, mas com seus próprios recursos, não com apoio internacional ou grandes investimentos estrangeiros. Essas são questões que precisamos melhorar, pois existe um potencial extraordinário no mundo em desenvolvimento para o combate à mudança climática.

Um elemento que era difícil prever há alguns anos é a posição de algumas das grandes potências, em particular dos Estados Unidos, e de outros países de porte médio, que parecem ter se distanciado do desafio da mudança climática.



Qual é a sua leitura sobre isso?

É muito curioso o que estamos vendo. Um país como a China, que há alguns anos era considerado relutante em investir em grandes projetos relacionados à mudança climática, hoje é líder em várias tecnologias e ações para combatê-la: energia solar, energia eólica, baterias, carros elétricos. A China é hoje, sem nenhuma dúvida, a grande líder nesse campo.

Em contraste, o novo governo dos Estados Unidos tem uma posição surpreendente para diversos atores econômicos, que é manter a dependência de instrumentos econômicos que muitos consideram ultrapassados. Agora, dois anos depois de o mundo ter concordado em Dubai com a famosa frase “transition away from fossil fuels”, temos a maior economia do mundo retrocedendo.

Isso não poderia representar um retrocesso global na descarbonização?

Estamos em um momento de cer-

ta surpresa com dois países, as duas maiores economias do mundo, um apontando um caminho e o outro apontando outro, e o resto do mundo ficando um pouco no meio. No entanto, na recente Assembleia Geral das Nações Unidas, pôde-se observar que a grande maioria dos países está acreditando mais no caminho da descarbonização.

A demanda por energia deu um salto nos últimos tempos, em particular devido à inteligência artificial. Isso estimulou a ideia de que não se trata tanto de uma transição energética, mas de uma agregação energética, já que todas as fontes são necessárias. Agora, o fechamento da torneira de certos combustíveis fósseis, que se pensava ocorrer com relativa rapidez, parece adiado por alguns anos, pelo menos. Como o senhor analisa essa questão?

Certamente, há um aumento da demanda por energia muito maior

do que o previsto antes da explosão da inteligência artificial. Várias análises demonstram que o crescimento significativo das energias renováveis está vindo muito mais como adição à energia já existente do que como substituição. Essa é uma questão que exige uma reavaliação de como será o futuro da energia no mundo, mas o aumento da demanda também cria um mercado excepcional para as novas fontes. Quanto tempo pode demorar a redução do consumo das energias tradicionais? Essa é uma questão muito importante e uma nova dimensão do problema.

O Brasil, por sinal, tem uma liderança inegável no campo

O presidente da COP30 visitou vários continentes para debater antecipadamente os temas fundamentais da cúpula climática. → Foto - COP30

das novas energias, mas, na prática, ao mesmo tempo, está ampliando sua produção de combustíveis fósseis. Não faltam vozes que apontam isso como uma contradição. Como explicar essa situação?

O que está acontecendo no Brasil ocorre em muitos países ao definir o que é a transição. Em princípio, ela termina com as “emissões líquidas zero”, compromisso que, por exemplo, o Brasil assumiu para 2050, mas cada país está escolhendo um caminho diferente, dependendo de suas capacidades. É verdade que o Brasil tem uma posição especial porque, por ter pouco carvão, investiu muito mais em energia hidrelétrica. E isso foi muito positivo para a nossa eletricidade, que hoje é 90% renovável. No entanto, como se sabe, as hidrelétricas também começaram a sofrer com as mudanças climáticas, devido ao impacto da alteração do regime de chuvas sobre os reservatórios. Por isso, o Brasil abriu espaço considerável para o crescimento não apenas da energia solar e eólica, mas também da bioenergia, com a produção de etanol e outros biocombustíveis a partir do uso de resíduos.

Então, o Brasil decidiu avançar em várias frentes?

Avança em várias direções, mas a realidade é que tem um grande potencial para ampliar significativamente sua produção de energia renovável e, por isso, vem se apresentando como um local atrativo para investimentos de alto consumo energético, como a inteligência artificial. No nosso caso, a transição não é a redução dos combustíveis fósseis, mas sim o aumento da energia renovável. No país, o grande debate é como ampliar essa produção a um preço competitivo, para estimular o investimento.

Uma frase repetida com frequência nesse campo é que a ALC é muito mais parte da solução do que do

problema. O senhor concorda com essa opinião?

Totalmente, sobretudo se conseguirmos superar alguns obstáculos. O Brasil tem um muito grande, que são as emissões causadas pelo desmatamento, que chegaram a representar, quando o presidente Lula assumiu, cerca de 50% do total das emissões de GEE (gases de efeito estufa). Houve uma redução significativa, mas é preciso continuar esse esforço. O presidente assumiu o compromisso internacional de acabar com o desmatamento no Brasil antes de 2030. Em outros países há outras grandes questões relacionadas às suas emissões que podem ser resolvidas com tecnologias já comprovadas, e há exemplos de como fazer isso. O Uruguai, em oito anos, conseguiu ter 99% de sua eletricidade proveniente de fontes renováveis.

Também se menciona a contribuição da região em certos minerais estratégicos...

Sim, a ALC tem um potencial fantástico em minerais, tanto para baterias (lítio), que é algo importantíssimo, quanto para outras tecnologias, além do hidrogênio. Se a região desenvolver bem as energias renováveis e sua capacidade de restau-

ração de florestas, poderá se tornar um exemplo único no mundo. No Brasil, temos um potencial extraordinário de uso de terras degradadas para restauração florestal, e outros países da ALC também possuem esse potencial. Por isso, a América Latina é uma coleção de soluções climáticas que devem ser muito bem aproveitadas.

O Brasil está marcando uma mudança para a região?

Em um país grande como o Brasil, o norte tem muito mais a ver com a Colômbia, o Peru e outros países amazônicos, enquanto o sul compartilha condições com o Uruguai e a Argentina, e o nordeste tem condições quase desérticas. O Brasil é a demonstração de que precisamos falar em transições energéticas, e não em a transição, como se fosse um modelo único para todos. O mesmo acontece entre os países, que são casos muito diferentes e pedem soluções distintas.

Esse exemplo do Brasil que o senhor menciona também dá a impressão de que, junto com a possibilidade de uma crise, há uma forma de aproveitar uma oportunidade. Isso é válido?

É verdade. No início, o problema das mudanças climáticas foi recebido com muita preocupação por países como os latino-americanos e caribenhos. Porque pensamos: meu Deus, ainda precisamos ter mais educação, mais saúde, mais infraestrutura e mais moradia para as nossas populações, e agora também temos que fazer tudo isso de forma sustentável e levando em conta as mudanças climáticas. Ou seja, no começo parecia uma agenda que só trazia custos adicionais. Agora, com as novas tecnologias, as práticas e os exemplos que conhecemos, percebemos que, por exemplo, as energias renováveis empregam, em média, três vezes mais do que a indústria do petróleo, e que também temos uma possibilidade extraordinária de usar



“O Acordo de Paris funcionou porque reduziu muito a expectativa de aumento da temperatura.”



A economia e os avanços tecnológicos, segundo Corrêa do Lago, serão determinantes para definir as condições da transição energética. → Foto - COP 30

o vento quando há menos chuva, alcançando uma combinação perfeita entre hidrelétricas e eólicas.

A ALC está pronta para aproveitar essa oportunidade?

Estamos aprendendo muito e, se a ALC se integrar a essa nova economia que considera o fator climático, estará em uma posição melhor do que praticamente todo o restante do planeta.

Ao analisar um tema tão complexo como este, sempre com um olhar voltado para o futuro, há uma mistura do que a cabeça

diz e do que o coração diz. Nessa mistura, o que ambos lhe dizem?

Se pudéssemos misturar os dois, seria maravilhoso, mas é preciso fazer escolhas. Em quase todos os nossos países temos muitas opções e é necessário tomar decisões políticas muito sérias. Cada decisão de um país sobre energia representa um investimento de 40 anos e tem impactos enormes. No Brasil, por exemplo, debatemos sobre a energia nuclear, da qual temos um pouco, 5% ou 6% do total, mas há projetos para aumentar essa produção. Nesse tema, o governo está dividido, assim como a sociedade e o mundo em geral. Do

ponto de vista econômico, construir uma usina nuclear custa muito, para começar, e depois o país se vê obrigado a usar essa energia por 40 ou 50 anos. No entanto, seu custo é muito mais alto do que o da energia solar, que exige um investimento inicial muito mais baixo, oferece um problema de segurança muito menor, tem um tempo de desenvolvimento muito mais curto e garante anos pela frente com custos baixos.

Então o senhor considera que a energia nuclear não é uma opção para a região?

Acredito que precisamos convencer as nossas sociedades, como boas democracias, sobre por que estamos seguindo uma direção ou outra, mas devemos ter consciência de que cada decisão que tomamos hoje sobre energia terá consequências por gerações. Por isso, informação, números, custos e decisões de longo prazo são o que precisamos levar à cidadania.

O senhor é otimista, moderadamente otimista ou como se definiria em relação ao futuro das questões climáticas?

Sou brasileiro. Acho que, se eu não for otimista, perco o passaporte. Sou obrigado a ser. Tento convencer meus filhos de que, se a minha geração já viu o Brasil ganhar quatro Copas do Mundo (quando veio a primeira das cinco, eu ainda não tinha nascido), temos que manter o otimismo, mesmo que a geração deles não tenha visto o Brasil ganhar nenhuma. Tudo é possível no Brasil. 🇧🇷

REGIÃO VERDE

Por Equipe editorial VD

@AgendaCAF



Os páramos

'Fábricas de água' das quais
depende o abastecimento
de mais de 85 milhões
de pessoas na região.



A riqueza natural da América Latina e do Caribe se reflete em múltiplos ecossistemas transnacionais, interconectados entre si. Os páramos são um deles. São zonas úmidas de alta montanha neotropical que caracterizam a parte norte dos Andes. Estão localizados entre o limite superior das florestas, a 3.500 metros acima do nível do mar, e os 5.000 metros, onde começam as geleiras. Os páramos abrigam muitas espécies endêmicas e possuem uma biodiversidade extremamente rica. Cobrem mais de 2,5 milhões de quilômetros quadrados e fornecem água para cerca de 85 milhões de pessoas. Cidades como Bogotá e Quito dependem deles. No entanto, são ecologicamente frágeis e muitos estão em risco devido a fatores como as mudanças climáticas e a intervenção humana. Em sua visão ecossistêmica, o CAF – banco de desenvolvimento da América Latina e Caribe – os considera uma prioridade de conservação.

Parque Nacional Cajas (Equador).

➔ Foto - Irina Inga / Unsplash



BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DA AMÉRICA LATINA
E CARIBE



América
Latina e
Caribe

Cada caminho
uma oportunidade



GOBIERNO NACIONAL

★ CON PASO FIRME ★

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES

Fórum Econômico Internacional AMÉRICA LATINA E CARIBE 2026

Como posicionar a região no cenário global?

28 E 29 DE JANEIRO
CIDADE DO PANAMÁ

Os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil, e José Raúl Mulino, do Panamá, entre outras autoridades governamentais, dirigentes multilaterais, líderes empresariais, investidores e formadores de opinião, debaterão os desafios e as oportunidades da ALC para gerar consensos, firmar alianças estratégicas e promover ações coordenadas.

O evento que
molda a voz
da América
Latina e do
Caribe perante
o mundo.

TEMAS-CHAVE:

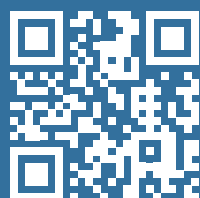
• Comércio • Transição energética • Digitalização
• Inovação • Sustentabilidade



“Visões do Desenvolvimento
é uma resposta à necessidade
de reposicionar a América Latina e o Caribe
no mundo. Convidamos acadêmicos,
líderes sociais, empresários e toda a
comunidade internacional a se juntarem
a esta iniciativa, contribuindo com suas
perspectivas e conhecimentos para
construirmos juntos um futuro mais próspero
para a América Latina e o Caribe”.

Sergio Díaz-Granados

Presidente Executivo do CAF



BANCO DE DESENVOLVIMENTO
**DA AMÉRICA LATINA
E CARIBE**

